



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-  
AMERICANOS (PPG IELA)**

**IDENTIDADES E DIÁSPORAS LATINO-AMERICANAS NA LITERATURA:  
UMA ANÁLISE SOBRE O CONTO *WE CAME ALL THE WAY FROM CUBA SO YOU  
COULD DRESS LIKE THIS*, DE ACHY OBEJAS.**

**ERIKA ROWINSKI**

Foz do Iguaçu

2022

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-  
AMERICANOS (PPG IELA)

IDENTIDADES E DIÁSPORAS LATINO-AMERICANAS NA LITERATURA:  
UMA ANÁLISE DE *WE CAME ALL THE WAY FROM CUBA SO YOU COULD DRESS  
LIKE THIS*, DE ACHY OBEJAS.

**ERIKA ROWINSKI**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos  
Latino-americanos da Universidade Federal da  
Integração Latino-Americana, como requisito à  
obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-  
americanos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Livia Santos de  
Souza.

Foz do Iguaçu

2022

ERIKA ROWINSKI

IDENTIDADES E DIÁSPORAS LATINO-AMERICANAS NA LITERATURA:  
UMA ANÁLISE DE *WE CAME ALL THE WAY FROM CUBA SO YOU COULD DRESS  
LIKE THIS*, DE ACHY OBEJAS.

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos  
Latino-americanos da Universidade Federal da  
Integração Latino-Americana, como requisito à  
obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-  
americanos.

**BANCA EXAMINADORA**

Orientadora: Profa. Dra. Lívia Santos de Souza

UNILA

Profa. Dra. Diana Araújo Pereira

UNILA

Profa. Dra. Elena Palmero González

UFRJ – Externo ao Programa

Foz do Iguaçu, 14 de setembro de 2022.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação  
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

R882

Rowinski, Erika.

Identidades e diásporas Latino-Americanas na Literatura: uma análise sobre o conto *We came all the way from Cuba so you could dress like this*, de Achy Obejas / Erika Rowinski. - Foz do Iguaçu, 2022.  
88 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Foz do Iguaçu - PR, 2022.S.

Orientador: Dra. Livia Santos de Souza.

1. Obejas, Achy. 2. Identidade cubana em exílio. 3. Identidades diaspóricas. 4. Queer. I. Souza, Dra. Livia Santos de. II. Título.

CDU 82:316.4-054.72(8+73)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, antes de tudo, aos que vieram antes de mim. Sem eles, nada disso estaria acontecendo.

A meu pai, agradeço pelo suporte incondicional e pela felicidade que sentia a cada passo da minha trajetória. Desta caminhada, ele presenciou fisicamente o início. Agora, observa e festeja, sem dúvidas, o final. À minha mãe, que do jeito dela, sempre me apoia e me direciona.

À Lorena, minha esposa, agradeço por tudo. Sem o seu incansável incentivo nos momentos mais críticos desta trajetória não haveria uma dissertação. As dicas acadêmicas e a felicidade compartilhada a cada etapa concluída foram determinantes no meu caminhar. Obrigada por fazer parte da minha vida.

À Lívia, minha querida orientadora, que me guiou, com paciência, pelas várias dissertações que eu me propus a escrever antes de chegar à conclusão definitiva do tema que abordaria.

E, finalmente, agradeço ao universo por ter chegado até aqui.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é entender os mecanismos que atuam sobre a subjetividade da escritora cubana-estadunidense Achy Obejas e suas personagens, por meio de seu conto *We came all the way from Cuba so you could dress like this*. Permeada por identidades diversas, as quais estão explicitamente presentes nos trabalhos em referência, Obejas é uma imigrante latina, lésbica e de origem judaica, nos Estados Unidos e, a partir da observação da importância desses temas em sua obra e a similaridade com sua história de vida, tenciona-se entender como tais identidades funcionam para a criação ficcional da autora. Pretende-se, ainda, contribuir para o campo dos estudos das identidades sob as perspectivas decolonial e interseccional. Para tanto, foi utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica, por meio da qual foram buscadas referências teóricas a partir das quais elaboraram-se informações e conclusões com o intuito de ajudar a responder o questionamento da presente dissertação.

**Palavras-chave:** Achy Obejas. Identidade cubana em exílio. Identidades diaspóricas. *Queer*.

## RESUMEN

El objetivo de este trabajo es comprender los mecanismos que actúan sobre la subjetividad de la escritora cubano-estadounidense Achy Obejas y sus personajes, a través de su cuento *We came all the way from Cuba so you could dress like this*. (Vinimos hasta aquí desde Cuba para que pudieras vestirme así). Atravesada de diversas identidades las cuales están explícitamente presentes en las obras en referencia, Obejas es una inmigrante latina, lesbiana y de origen judía en los Estados Unidos y, a partir de la observación de la importancia de estos temas en su obra y la similitud con su historia de vida, se intenta comprender cómo funcionan tales identidades para la creación ficcional de la autora. Se pretende además contribuir al campo de los estudios de las identidades bajo las perspectivas decolonial e interseccional. Para ello, fue utilizada como metodología la investigación bibliográfica, por medio de esta se buscaron referentes teóricos a partir de los cuales se elaboró información y formularon conclusiones con la intención de dar respuesta a la pregunta de esta disertación.

**Palabras clave:** Achy Obejas. Identidad cubana en el exilio. Identidades diaspóricas. *Queer*.

|                                                                                       |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>BANCA EXAMINADORA.....</b>                                                         | <b>3</b>  |
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                              | <b>8</b>  |
| <b>2 ESCRITURA, IDENTIDADES E DESLOCAMENTOS: LITERATURAS SUBALTERNIZADAS.....</b>     | <b>15</b> |
| 2.1 LITERATURA LATINO-AMERICANA NOS ESTADOS UNIDOS .....                              | 20        |
| 2.2 INTERSECCIONANDO A ESCRITA: LITERATURA <i>QUEER</i> LATINA .....                  | 25        |
| 2.3 CONSIDERAÇÕES BIOBIBLIOGRÁFICAS SOBRE ACHY OBEJAS.....                            | 37        |
| <b>3 SOBRE IDENTIDADES, FRONTEIRAS E DIÁSPORAS .....</b>                              | <b>40</b> |
| 3.1 A GLOBALIZAÇÃO E SEU PAPEL NA CONSOLIDAÇÃO DAS IDENTIDADES .....                  | 48        |
| 3.2 A DIÁSPORA CUBANA.....                                                            | 50        |
| <b>4 ACHY OBEJAS: IDENTIDADES E LITERATURA EM TRÂNSITO .....</b>                      | <b>54</b> |
| 4.1 A IDENTIDADE EM WE CAME ALL THE WAY FROM CUBA SO YOU COULD DRESS LIKE THIS? ..... | 54        |
| 4.2 RESISTÊNCIAS E EXISTÊNCIA.....                                                    | 57        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                    | <b>66</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                               | <b>70</b> |
| <b>ANEXO – TRADUÇÃO DO CONTO.....</b>                                                 | <b>75</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

É cada vez mais inviável pensar a literatura como manifestação artística estanque, uniforme e naturalmente conectada a um estado-nação. São inúmeros seus estilos e autores e, indubitavelmente, aspectos histórico-sociais influenciam profundamente qualquer produção literária, e não podem ser desconsiderados, seja pela crítica, ou pela teoria.

Nesse sentido, observa-se a existência de um tipo de literatura que é produzida por latino-americanos que moram fora da América Latina, sinalizada por traços distintivos que atuam como marcadores dessa literatura. No entanto, para falar sobre esse fenômeno conhecido nos EUA como *Latinx Writing*, devemos antes entender que a cultura latina nesse país é feita tanto pelos imigrantes como pelas gerações seguintes, já nascidas em território estadunidense (LÓPEZ, 2015) e que, apesar de a comunidade latino-americana nos Estados Unidos ser a maior minoria étnica do país, segue à margem da sociedade, sendo oprimida em favor da cultura hegemônica estadunidense (FERREIRA; OLIVEIRA, 2018).

“Latinx” é um termo que define indivíduos de origem latino-americana que nasceram, se educaram ou se nacionalizaram nos Estados Unidos e não se identificam com as definições de gênero correspondentes a sujeitos biologicamente classificados enquanto mulheres e homens.

Assim como as categorias, “latino” e “hispano”, “latinx” é um termo socialmente construído, produto das condições de marginalização da comunidade onde esse conceito surge. Vem de um questionamento de uma “identidade latina” homogênea, e procura evidenciar o cruzamento de identidades provenientes das variadas experiências migratórias dos latinos para os Estados Unidos e desnaturalizar o binarismo de sexo e gênero, incluindo outras variáveis como classe social, cor da pele, etnia, identidade sexual e idade no entendimento da latinidade. É tanto um esforço teórico quanto um posicionamento político.

Inclusive, em sua mais recente obra *Boomerang/Bumerán*, um livro de poesias escritas em inglês e em espanhol, Achy Obejas inova ao usar uma linguagem sem gênero (gender-free) nas partes do livro que são em espanhol, um idioma, como sabemos, marcado pelo binarismo gramatical de gênero. Em entrevista<sup>1</sup>, lhe é perguntado o que ela pensa sobre o rompimento, pela poesia, do binarismo de gênero. Obejas afirma que quando se fala em linguagem inclusiva em espanhol, o que se pensa é numa “desgenerização” de pessoas, mas que o resto da linguagem continua toda binária, entre masculino e feminino, ou seja, a palavra mesa continua no feminino

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://southernworldartsnews.blogspot.com/2022/02/every-author-is-different-writer-talks.html?m=>. Acesso em: 21 jul 2022.

e café, no masculino e que ela ainda não entende como isso é possível em um texto “sem gênero”. Então, nesse livro, ela “desgeneriza” até a mesa e o café pois, em suas palavras, não se acaba com o binarismo de gênero nas pessoas mantendo o presente nas coisas. Ela entende que isso é um exercício intelectual e político, e que usamos esse discurso inclusivo de vez em quando, mas ela gostaria de propor uma outra possibilidade, não como um caminho único, mas um caminho.

Por sua vez, Obejas é como uma das representantes dessa literatura feita por imigrantes latinos nos Estados Unidos. Nascida em Cuba, em 1956, a escritora/tradutora/jornalista/ativista política migrou aos seis anos, com seus pais, para os Estados Unidos. Autora dos romances *Memory Mambo* (1996), *Days of Awe* (2001), *Ruins* (2009), do livro de contos *We Came All the Way from Cuba So You Could Dress Like This?* (1994), do livro de poemas *This Is What Happened In Our Other Life* (2007) e *The Tower of the Antilles* (2017), seu mais recente livro de contos, Obejas iniciou sua carreira como jornalista no *Chicago Sun Times*, em 1981. Entre 1996 e 2002, ela trabalhou no *Chicago Tribune* e para diversas publicações regionais como *Windy City Times*, *The Chicago Reader*, entre outras. Como ativista, foi nomeada para comitês e conselhos municipais que tratavam de pautas para a população LGBT, em Chicago. Atuou ainda como professora na Universidade de Chicago, na *Roosevelt University*, na *School of the Art Institute of Chicago*, *Northwestern University*, *the University of Illinois*, em Chicago. Seus prêmios e reconhecimentos têm dado visibilidade à comunidade LGBT de Chicago.

Suas obras, embora ficcionais, trazem à tona vivências que, misturadas com a criatividade da escritora, desenham em palavras as relações com sua família e consigo mesma. Além de ser uma latina nos Estados Unidos, Achy é lésbica e de ascendência judia. Militante dos movimentos LGBT, suas obras tratam da temática relativa à sexualidade, além da diáspora cubana nos Estados Unidos, como no conto *We came all the way from Cuba so you could dress like this?* (1994), objeto de análise dessa dissertação. Achy Obejas é autora ainda de *The Tower of the Antilles*, que foi indicado ao prêmio PEN/Faulkner – que premia as melhores obras ficcionais publicadas por residentes permanentes dos Estados Unidos no ano – entre outros prêmios. Seus romances incluem *Ruins* e *Days of Awe*, o qual ganhou o prêmio de Melhor Livro do Ano do *Los Angeles Times*. Seu livro de poesias *This is What Happened in Our Other Life* foi considerado sucesso pela crítica e um *best-seller* nos Estados Unidos. Como tradutora, Obejas trabalhou com Wendy Guerra, Rita Indiana, Junot Díaz and Megan Maxwell, entre outros. Além Ganhadora de um *USA Artists fellowship*, de um *National Endowment for the Arts*

– NEA - e de um *Cintas fellowship*, entre outros prêmios, ela é atualmente escritora/editora da Netflix e mora em São Francisco<sup>2</sup>.

Escrito em primeira pessoa, o conto *We Came All the Way from Cuba So You Could Dress Like This?* aparentemente mescla a biografia da autora e ficção ao trazer a história de uma menina que acaba de chegar a Miami após viajar em um barco e ser resgatada, junto com seus pais, por um cargueiro na metade do caminho entre Cuba e os Estados Unidos. Descreve os primeiros momentos da chegada que se passam em um lugar que recebe imigrantes recém-desembarcados. A personagem principal - e também narradora - reveza entre a voz da menininha de dez anos recém-chegada ao novo país e a de seu eu mais velho que, por sua vez, narra as experiências que aconteceriam nos anos posteriores. Embora num primeiro momento pareça uma história comum, esse texto lida com aspectos profundos da diáspora caribenha, trazidos à tona seja pela personagem quando criança seja por ela quando adulta. E nesse contexto diaspórico é importante salientar que surgem questões políticas, socioculturais e identitárias. Observa-se, portanto, que, para a autora, ser latina e imigrante foram aspectos constituintes de seu crescimento no país que seus pais escolheram como lar depois de fugirem do regime político instaurado pela Revolução Cubana liderada por Fidel Castro.

Obejas introduz questões identitárias muito caras a ela, como o fato de ser cubano-americana e lésbica. Ela nos faz acreditar que está contando a sua própria história e de sua família e, também por isso, a análise que será feita neste trabalho é relevante para entendermos quais são e como funcionam os mecanismos que formam a subjetividade da autora e de suas personagens.

Levando em consideração que a referida obra reflete aspectos da vida de Achy Obejas, a própria narra, em entrevista a uma revista, como ela é reconhecida nos Estados Unidos por sua identidade latina embora ela seja muitas outras coisas além de cubana:

Nasci em Havana e esse acontecimento influenciou o resto da minha vida. Nos Estados Unidos, sou cubana, cubana-americana, latina porque sou cubana, uma jornalista cubana, uma escritora cubana, a amante cubana de alguém, uma lésbica cubana, a moça cubana no ônibus, uma cubana explorando suas raízes sefarditas, sempre e inexoravelmente cubana. Mais cubana aqui do que em Cuba, por puro contraste e repetição. (SHAPIRO: 2001, p. 4, apud HARRIS: 2010, p.72)

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.achyobejas.com/about>. Acesso em: 18 set 2021.

Compreender o texto de Achy Obejas é também compreendê-la. Sua escrita não deixa dúvidas sobre quão fundamental é, para ela, assimilar e apropriar-se das identidades que de fato a representam e não aquelas que lhe são impostas, ora por sua família, ora por relações de poder hegemônicas norte-americanas, resistindo a ser enquadrada em posições subalternas devido a sua origem cultural, racial, de gênero e/ou sexualidade.

Inclusive, os leitores e as leitoras de seu conto podem ficar surpresos aos se darem conta que a história que leem, repete, quase em detalhes, os acontecimentos pelos quais Obejas e sua família passaram ao deixarem Cuba. Mesmo assim, a autora já se manifestou<sup>3</sup> no sentido de que suas obras não são autobiográficas. Ocorre que também não podem ser consideradas pura ficção, tendo em vista as diversas “coincidências” da obra com a vida da escritora.

Nesse sentido, com o intuito de tentar localizar a escrita de Obejas, podemos mencionar o conceito da autoficção e da escrevivência, que serão delineados em capítulo posterior. Acredito que esses sejam conceitos fundamentais para a compreensão da poética da autora, uma vez que sua narrativa não apenas cruza constantemente os limites entre vida e ficção como faz precisamente desse movimento um recurso artístico muito significativo.

A escolha do objeto deste trabalho foi, de certa forma, decorrente de um reconhecimento de semelhanças, em minha trajetória, de determinadas circunstâncias pelas quais passaram as personagens não só do conto em referência, mas também de outra obra da autora, o livro *Days of Awe*, cuja protagonista descobre a judaicidade de seu avô e, por conta disso, passa a entender episódios de sua história como vinculados a esse fato. Por ter ascendência judaica e por ter ido morar em uma cidade – Foz do Iguaçu - cuja comunidade árabe é bastante significativa e, tendo em vista todo o conflito político historicamente vivido entre árabes e judeus, eu sentia necessidade de esconder as minhas origens como tentativa de evitar ouvir falas preconceituosas relativas a judeus além das que eu já tinha ouvido. Contudo, a obra pela qual fui mais afetada foi o conto *We came all the way from Cuba so you could dress like this*, que retrata a família da protagonista em sua chegada aos Estados Unidos, após terem fugido de Cuba. Além de retratar fortemente as diferenças culturais – pelas quais, guardadas as devidas proporções, também passei em Foz do Iguaçu – traz uma protagonista lésbica que, assim como eu, guardava consigo questionamentos e certezas que só quem passa pela experiência do “rompimento” heteronormativo da sociedade tem que lidar.

Então, por estar repleta de questões identitárias, como o fato de contar a história de uma família em diáspora e também pela identidade lésbica da protagonista, a escolha dessa obra

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://shelfmediagroup.com/feature/interview-achy-obejas-author-of-days-of-awe/>

como meu objeto de pesquisa é nada mais do que tentar entender academicamente as identidades trazidas por mim.

E nesse sentido, esta pesquisa busca responder a pergunta de como os estudos identitários podem contribuir para um melhor entendimento da literatura de Achy Obejas ao mesmo tempo em que se debruça sobre as diversas identidades que a perpassam como uma imigrante latina e lésbica nos Estados Unidos.

Dessa forma, o objetivo geral dessa dissertação é desenvolver uma pesquisa interdisciplinar que busca entender os processos de produção de Achy Obejas, analisando as questões identitárias que a autora traz consigo e em seus personagens, em uma de suas obras: o conto *We Came All the Way from Cuba So You Could Dress Like This?* para, afinal, entender como a escrita de Obejas contribui para o questionamento de categorias que, tradicionalmente, constituem os campos do saber dos estudos da identidade. Essa análise será feita à luz do que pensam autores e autoras que trazem as questões identitárias para suas obras, como Gloria Anzaldúa, María Lugones, entre outros e por meio fragmentos do conto nos quais poderá ser percebida a forma como a autora lida com tais questões.

Justifica-se a presente pesquisa por sua originalidade no Brasil, onde não há praticamente nenhum estudo sobre a autora e suas obras, mormente se considerarmos a interdisciplinaridade e a interseccionalidade aqui presentes. Ao realizar as pesquisas para a confecção deste trabalho, foi encontrada uma dissertação de mestrado, do ano de 2006, escrita em inglês, de autoria de Bruno Ferrari (2006)<sup>4</sup>, cujo mestrado foi feito na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, e cujo objeto de pesquisa era “investigar o papel da memória como forma de desnaturalização da história tradicional e como instrumento importante na articulação de uma política de identidade em *Caramelo*, da autora *chicana* Sandra Cisneros e em *Memory Mambo*, da cubana-americana Achy Obejas.” Também foram achados alguns trabalhos de Leila Assumpção Harris que, embora mencionem Achy Obejas, não estão focados especificamente no mesmo objeto da presente pesquisa. Portanto, verifica-se que a literatura de Obejas não vem sendo estudada no país de forma a esgotar o objeto da presente dissertação.

Além disso, observa-se que sua relevância acadêmica repousa sobre a atualidade e visibilidade que estudos identitários, como os de gênero, por exemplo, têm no mundo, hoje em dia. Ainda, se focarmos na literatura latina feita nos Estados Unidos, podemos observar que existe uma expressão literária daquelas culturas migrantes, que desenvolveu naquele país um

---

<sup>4</sup> FERRARI, Bruno. Of Selections and Erasures: History, Memory and Identity Politics in Sandra Cisneros's *Caramelo* and Achy Obejas's *Memory Mambo*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2006.

processo de transculturação que, ao invés de articular uma “*síntesis mestiza*” por meio de sua assimilação à sociedade estadunidense, acabou se configurando como uma cultura híbrida, que não se assimila à do país e que acaba ficando em uma posição intermediária, entre a tradição literária estadunidense, que a considera marginal, e as tradições nacionais que constituem as origens de suas histórias migrantes (LOPEZ, 2015).

Portanto, a realização de uma pesquisa com esse perfil é extremamente relevante em uma instituição como a Universidade Federal da Integração Latino-Americana tendo em vista que o escopo deste trabalho é exatamente demonstrar, por meio da análise do referido conto e pelo uso de teorias identitárias, não só a importância de escritas como a de Achy Obejas no sentido de fazer emergir traços culturais, nacionais, há muito considerados subculturas e menos relevantes do que as “culturas dominantes”, mas também trazer essa discussão para o Brasil que, como país latino-americano deve estar inserido e ciente da diversidade cultural que o cerca e à qual pertence. Ainda, é patente a inserção deste trabalho na linha de pesquisa do PPG IELA a qual está vinculada – trânsitos culturais -, tendo em vista a presença de uma dinâmica transcultural que transcende as fronteiras nacionais, geopolíticas e culturais ao trazer duas obras de uma escritora cuja história de vida está totalmente inserida num contexto transnacional e multicultural que permite uma abordagem, alinhada ao programa, da construção e circulação dos saberes, imaginários, identidades e memórias na América Latina e o Caribe. E a interdisciplinaridade da pesquisa é a característica que dá forma a ela, uma vez que problemas relativos às ciências sociais, como estudos de gênero, de migração e de identidades, serão analisados à luz de obras literárias, escolhidas com o intuito de promover o debate que pauta as discussões mais atuais daquele campo de estudos.

A metodologia utilizada neste estudo baseia-se unicamente na pesquisa bibliográfica, pela qual procurei referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações e conhecimentos prévios e responder o questionamento da presente pesquisa. (FONSECA, 2002, p. 32). E para tanto, será utilizado, como referencial teórico, autores e autoras decoloniais, tais como: María Lugones, Gloria Anzaldúa, Anibal Quijano, Patricia Hill Collins e Lelia Gonzales. Outras fontes teóricas também serão trazidas à análise, como Stuart Hall, Avtar Brah, Tadeu da Silva, e Michel Pollack.

A presente dissertação está dividida em três capítulos e um anexo. No primeiro, “Escritura, identidades e deslocamentos: Literaturas subalternizadas”, tenciono demonstrar a existência de uma literatura fora do eixo Estados Unidos – Europa, cuja importância para o fortalecimento de culturas consideradas subalternas é enorme. Além disso, faço uma apresentação de Achy Obejas, posicionando-a nesse espaço subalternizado.

No segundo capítulo, “Sobre identidades, fronteiras e diásporas”, inicio uma discussão acerca das identidades que são demarcadas principalmente por questões geográficas, ou, de forma mais específica, por processos diaspóricos. Os teóricos nos quais me debruço percebem tais processos a partir de um olhar subalterno, ou seja, processam suas ideias e estudos posicionando-se no lugar do oprimido, do colonizado.

Finalmente, no terceiro capítulo deste trabalho, “Achy Obejas: identidades e literatura em trânsito”, faço uma análise pormenorizada das identidades presentes no conto em referência, trazendo trechos da obra sendo analisados à luz dos pressupostos teóricos trazidos no capítulo antecedente. O anexo, por sua vez, é a tradução do conto, feita por mim, com o objetivo de auxiliar aquelas e aqueles que preferirem ler o conto em português ao invés do inglês, uma vez que não existe uma versão oficial traduzida no Brasil.

Dessa forma, pretende-se, no decorrer desse trabalho, explorar a obra de Achy Obejas, mais especificamente o conto *We came all the way from Cuba so you could dress like this*, de forma entender os processos de escrita da autora e sua contribuição para o questionamento de categorias que, tradicionalmente, constituem os campos do saber dos estudos da identidade, por meio da análise interdisciplinar de sua literatura e dos estudos identitários trazidos pelas ciências sociais, tendo em vista que tais aspectos foram primordiais para a criação dos referidos textos e que fazem parte de sua história de vida, como imigrante cubana nos Estados Unidos e como mulher lésbica.

## 2 ESCRITURA, IDENTIDADES E DESLOCAMENTOS: LITERATURAS SUBALTERNIZADAS

Antes de adentrar no universo literário e identitário de Achy Obejas, devemos ter em mente seu posicionamento enquanto escritora e como indivíduo. Obejas vem de Cuba, tendo chegado aos Estados Unidos ainda criança, junto com seus pais, que fugiam do regime castrista imposto em seu país. Suas vivências, tanto como membro de uma família cubana - que achava que aquele exílio era temporário e que voltariam a Cuba tão logo fosse possível – tanto como alguém que cresceu dentro da sociedade estadunidense, a moldaram.

E, assim como tantos outros escritores, Obejas utiliza sua trajetória como pano de fundo para suas obras, incluindo o conto objeto deste trabalho. Embora não se trate de uma escrita autobiográfica, não há como desvincular autora e obra, como veremos quando trago à baila a questão da escrita de si/autoficção e da escrevivência.

Nomeado como tal pela primeira vez em 1977, pelo escritor francês Serge Doubrovsky, esse neologismo (autoficção) se caracteriza por romper com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico) sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional). Ou seja, na autoficção, um(a) autor(a) pode chamar a atenção para a sua biografia por meio do texto ficcional, mas é sempre o texto literário que estará em primeiro plano, que vai ser o foco do(a) autor(a). Entende-se, ainda, que na autoficção, um relato autobiográfico pode estar camuflado sob a forma de romance/conto e que um romance/conto, por sua vez, pode simular uma autobiografia.

Pode-se dizer que a autoficção cria uma ambiguidade textual na cabeça de quem lê pois há uma dúvida quanto à referência, isto é, não se sabe se a personagem é o(a) próprio(a) autor(a), e também quanto aos fatos, já que há dúvidas se os estes são verídicos ou não.

A ambiguidade criada textualmente na cabeça do leitor é característica fundamental de uma autoficção. Existe uma ambiguidade referencial (trata-se ou não do autor?) e de fatos (é verdade ou não? Aquilo aconteceu mesmo ou foi inventado?) estabelecido intencionalmente pelo autor.

O conceito de autoficção, por sua vez, tem sido marcado por indefinições, confusões e contradições que acabaram por cristalizar um argumento que sustenta a impossibilidade de defini-lo de forma mais nítida. Um dos efeitos dessa confusão conceitual tem sido um misto de vulgarização e uso inadequado do termo, que passou a caracterizar toda sorte de obras pertencentes ao campo das “escritas do eu”.



Na autoficção, é necessária a intenção de abolir os limites entre o real e a ficção, confundir o leitor e provocar uma recepção contraditória da obra autoficção se diferencia da autobiografia e do romance autobiográfico. Na autoficção, se estabelece com o leitor uma espécie de pacto, que se caracteriza pela contradição, pois rompe com o princípio de veracidade (pacto autobiográfico) sem aderir integralmente ao princípio de invenção (pacto romanesco/ficcional). Mesclam-se os dois, resultando no contrato de leitura marcado pela ambiguidade (FAEDRICH, 2015).

Nesse contexto, podemos considerar que a escrita feminina entra para a historiografia literária fazendo, entre outras coisas, depoimento e denúncia, partindo de mulheres reais. Por isso mesmo, quando a autora não fala por si, ela fala em uma sororidade de mulheres, ela convida para autoria outras mulheres. O contexto social de sua época e de épocas anteriores impregna sua escrita que é também utilizada para defender ideologias ou para polemizá-las. A crítica feminista vem então nos ajudar a ler todos esses textos, subvertendo ordens canônicas e buscando inspirações em uma resistente consciência de gênero.

No que se referem, portanto, à verossimilhança entre ficção e realidade, há proximidades e distanciamentos entre o ser vivo e o ficcional, sobretudo no que diz respeito a interpretação que estabelecemos sobre ambos. Conforme o tempo, o lugar e/ou o estado de espírito, podemos realizar diferentes interpretações sobre o real. No romance, graças a coerência do escritor, é possível delimitar essa interpretação, nos aproximando ainda mais do contexto narrativo.

Consequentemente, não há como uma realidade ser aplicada de maneira integral à ficção. O real é apenas um modelo em que o autor acrescenta seus enigmas aos das pessoas representadas no texto, mesmo assim, a precisão, a lógica e a complexidade das personagens nos levam à admiração e deleite, em razão da aproximação com o real torna ímpar tal experiência.

Seguindo essa perspectiva, é que entendemos que a personagem ficcional da obra de Achy Obejas ser uma projeção sua, pois Obejas não trata de qualquer mulher, mas da mulher latina, imigrante e lésbica, assim como ela própria.

Em 1977, o escritor francês Serge Doubrovsky criou o neologismo autoficção para tipificar o livro que escreveu sobre si mesmo, *Fils*. Desde então, o termo vem sendo utilizado de diversas maneiras e muitas vezes, como o próprio Doubrovsky considerou, de maneira indiscriminada, sendo aplicada a qualquer romance “realista”, como uma variante pós-moderna da autobiografia, na medida em que ela não acredita mais na verdade literal. Entretanto, em 1989, Vincent Colonna amplia esse conceito, dando a um conjunto exponencial de textos a possibilidade de serem considerados autoficção, sem limites históricos ou geográficos.

A crítica feminista, por conseguinte, vem, também, utilizando-se desse conceito, visto que tudo que diz respeito ao particular, ao pessoal, à escrita de si, interessa à escrita feminina, mesmo porque, a ficção foi, durante muito tempo, o espaço mais “confortável” para as mulheres.

Ainda dentro desse contexto, Conceição Evaristo contribui enormemente com o seu conceito de escrevivência. Para ela, “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas”. Ela se coloca num espaço aberto entre a invenção e o fato, construindo assim uma narrativa singular que aponta, por sua vez, para uma coletividade (SOARES; MACHADO, 2017). Diferentemente do conceito anteriormente mencionado, da escrita de si, a escrevivência é constituída por histórias particulares, mas que remetem a experiências coletivizadas, uma vez que autor(a) e protagonista compartilham características em comum, seja por marcadores sociais, sejam pelas experiências vivenciadas. Portanto, ao refletir sobre o sujeito da literatura negra, Evaristo entende que a existência desse sujeito é “marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si”.

Conceição Evaristo cunhou o termo escrevivência como essa maneira peculiar em que toda escrita fala de um lugar de experiência. Para ela, são das experiências cotidianas que nascem sua escrita:

As escolhas temáticas, o vocabulário, as personagens, os modos de construção das mesmas, o enredo, nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência. Escrevo uma vivência, que pode ser ou não, a real, a vivida por mim, mas que pode se con(fundir) com a minha. (...) São memórias ficcionalizadas.

(...) Para criar uma personagem que encarna uma doméstica, não preciso de laboratório ou investigação para a criação da mesma. Enquanto um processo criativo pode se dá pelo olhar de “uma patroa ou patrão”, que na porta do quarto da empregada olha para a personagem lá dentro, para a construção da mesma, o processo criativo que experimento, por injunções de uma história particular e coletiva se torna outro. Trago outra vivência, a minha fala nasce de dentro do quarto da empregada. Posso ser a própria empregada falando, escrevendo, concebendo uma personagem de si própria. Escre (vendo) se. Escrevivendo-se. Escrita e vivência (EVARISTO, 2017).

Que experiências, enquanto mulher, latina, lésbica e imigrante, Obejas traz em seu texto? Aqui fizemos um cotejamento entre vida e obra, utilizando alguns temas apresentados no conto, que correspondem à vida e a história da mulher Achy Obejas, impulsionados por suas próprias convicções, como no trecho a seguir, onde fala sobre sua relação com Cuba:

My relationship with Cuba is very complicated. I left as a six-year-old during the early years of the Revolution, on a boat with 43 other people, including my immediate family. From that point on, Cuba became a powerful abstract—it was both a terrible place and a place where everything had once been near idyll. And the messages were very mixed. For example, during every Olympics, the men in my family inevitably rooted for the Cuban boxers and took great pride in their achievements, even as the individual boxers were denounced as communist dupes or pitied for their supposed subjugation to the dictatorship. So Cuba became a kind of Shangri-La, the depository of both dreams and fears.

As an adult, I had an opportunity to go back in the 80s, but when I shared the news with my parents, they were horrified and very hurt. That hurt was more than I could bear so I chose not to go then. It would be more than a decade before I broached the subject again. By then Cuba was like a siren call. Interestingly, though my parents were dismayed by my decision to go, they were resigned to it. Initially, I'd thought their objections were political, that they were afraid for me. Later, though I think both of those things were true, I also realized there was a more personal fear. All my life, I'd experienced Cuba through them. Now I would experience it for myself and, undoubtedly, that would bring some of their reality into question. Their authority on the subject, if you will, would pass to me—and that was huge.

After that first trip, and for many years, I actually had a very divided life between Chicago and Havana, often spending months at a time, in Havana. It was a great experience to reintegrate, to make a life in my home country, to establish myself there. There were many things I loved—and many people I love still—on the island. But, of course, a

longer exposure also brought out the cracks, the absurdities, the injustices, the repression. I now find myself quite impatient, especially with American leftists who still defend the Cuban government with B.S. about the embargo or literacy or healthcare because it really also misses the larger picture of daily life for the average Cuban, who never gets a break and has been on a campaign of personal sacrifice since before the Revolution. A lot of my Cuban friends, including those in government, talk pretty openly (if privately) about how the Revolution is over, that this is just a transitional phase until the next thing, which is whatever happens after Fidel dies. Yes, Fidel, not Raul. So long as Fidel is still around, even Raul can't really make structural changes. And Cuba needs structural changes<sup>5</sup> (OBEJAS, 2016).

Portanto, ao trabalhar com Achy Obejas e com sua obra, levarei em consideração as especificidades de seus textos, especialmente do conto em referência, para atingir o meu objetivo, qual seja, o estudo das identidades que perpassam a autora e sua obra. Não há aqui o intuito de separar as identidades da escritora das identidades da narradora do conto. Até mesmo

---

<sup>5</sup> Minha relação com Cuba é muito complicada. Saí com seis anos de idade durante os primeiros anos da Revolução, em um barco com outras 43 pessoas, incluindo minha família imediata. Daquele ponto em diante, Cuba tornou-se uma poderosa abstração — era um lugar terrível e um lugar onde tudo antes era quase idílico. E as mensagens eram muito misturadas. Por exemplo, durante todas as Olimpíadas, os homens da minha família inevitavelmente torcem pelos boxeadores cubanos e se orgulham de suas conquistas, mesmo quando os boxeadores individuais são denunciados como idiotas comunistas ou lamentados por sua suposta subjugação à ditadura. Assim, Cuba tornou-se uma espécie de Shangri-La, depositária de sonhos e medos.

Como adulta, tive a oportunidade de voltar, na década de 80, mas quando compartilhei a notícia com meus pais, eles ficaram horrorizados e muito magoados. Essa dor foi mais do que eu poderia suportar, então optei por não ir. Levaria mais de uma década antes que eu abordasse o assunto novamente. Até então, Cuba era como um canto de sereia. Curiosamente, embora meus pais estivessem consternados com minha decisão de ir, eles se resignaram a isso. Inicialmente, eu pensei que suas objeções eram políticas, que eles temiam por mim. Mais tarde, embora eu ache que ambas as coisas eram verdadeiras, também percebi que havia um medo mais pessoal. Durante toda a minha vida, experimentei Cuba através deles. Agora eu experimentaria isso por mim mesmo e, sem dúvida, isso colocaria em questão um pouco de sua realidade. A autoridade deles no assunto, se você preferir, passaria para mim — e isso era enorme.

Depois dessa primeira viagem, e por muitos anos, eu realmente tive uma vida muito dividida entre Chicago e Havana, muitas vezes passando meses em Havana. Foi uma grande experiência me reintegrar, fazer uma vida no meu país de origem, me estabelecer lá. Havia muitas coisas que eu amava — e muitas pessoas que ainda amo — na ilha. Mas, claro, uma exposição mais longa também trouxe à tona as rachaduras, os absurdos, as injustiças, a repressão. Agora estou bastante impaciente, especialmente com os esquerdistas americanos que ainda defendem o governo cubano com B.S. sobre o embargo ou alfabetização ou saúde porque também não conhece o a vida cotidiana do cubano médio, que nunca tem uma pausa e está em uma campanha de sacrifício pessoal desde antes da Revolução. Muitos dos meus amigos cubanos, incluindo os do governo, falam bem abertamente (ainda que em particular) sobre como a Revolução acabou, que esta é apenas uma fase de transição até o próximo acontecimento, que será o que quer que aconteça depois que Fidel morrer. Sim, Fidel, não Raúl. Enquanto Fidel ainda estiver por perto, nem mesmo Raul pode fazer mudanças estruturais. E Cuba precisa de mudanças estruturais (tradução nossa).

Disponível em: <http://www.originsjournal.com/interviews-obejas>. Acesso em: 18 out 22.

porque, não há motivos para se pensar não haver uma associação proposital entre ambas, embora não explícita.

Assim, ao analisar essa obra específica de Obejas, qual seja, o conto *We came all the way from Cuba so you could dress like this*, tencionamos sair do lugar comum e da análise identitária rasa, para posicionar a autora e sua obra no meio de discussões mais profundas que viabilizarão um melhor entendimento e até mesmo um maior acolhimento da obra – e também da autora –, por quem a lê.

## 2.1 LITERATURA LATINO-AMERICANA NOS ESTADOS UNIDOS

O conceito de América Latina derivou da noção de *latinidade*, expressão elaborada na França como forma de rivalizar com Inglaterra e Alemanha com/contra a hegemonia na Europa (MIGNOLO, 2007).

Comumente, nos referimos ao conceito de América Latina como um mero recorte geográfico estabelecido a partir de uma suposta unidade cultural e linguística dos países que conformam esta região. Entretanto, esse conceito tem uma forte dimensão política, caracterizada, por sua vez por um tom racial e pejorativo produtor de formas de desrespeito e de inferiorização do Outro, tendo em vista que ele passou a diferenciar os países que não pertenciam à América anglo-saxônica, nomeando, inicialmente a América hispânica, vindo a abarcar, posteriormente, o Brasil, o Caribe francês, o Québec no Canadá e até mesmo os países e os povos do Caribe não colonizados por neolatinos (colônias inglesas e holandesas) e de universos transculturais existentes na América anglo-saxônica, como o caso dos “chicanos” nos Estados Unidos (CAIRO, 2007; p. 39).

A comunidade latina nos Estados Unidos, constituída por mexicanos, cubanos, porto-riquenhos e, mais recentemente, imigrantes da América Central e do Sul, como guatemaltecos, argentinos, colombianos, entre outros, tem grande importância na sociedade estadunidense, em termos sociais, políticos e culturais, constituindo-se como a maior minoria étnica nos EUA e a maior minoria mundial. Segundo o Censo populacional que foi realizado de forma on-line naquele país em 2020, um dos resultados mais relevantes é o fato de que a população de origem hispânica ou latina, ou que se identifica como multirraciais e asiáticos ter sido responsável por metade do crescimento demográfico norte-americano nos últimos dez anos. Pela primeira vez em 231 anos de recenseamento, a população branca diminuiu. Continua a ser maioria, mas é um contingente menor, ou seja, a população branca não hispânica, que continua sendo o maior

grupo racial ou étnico do país, encolheu em 8,6% ao longo da década e agora representa 57,8% da população norte-americana, a menor participação já registrada.

A literatura do Caribe hispânico escrita nos Estados Unidos começou como uma literatura de exílio e pode-se dizer que teve seu início em meados do século XIX, quando intelectuais cubanos e porto-riquenhos se exilaram nos Estados Unidos ao fugirem do governo colonial espanhol. Escritores cubanos estão entre os primeiros que tiveram que se exilar nos Estados Unidos. Nomes como José María Heredia, Cirilo Villaverde e José Martí tiveram grande importância na divulgação da situação política de Cuba, ainda como colônia espanhola.

A literatura de diáspora caribenha nos Estados Unidos tem como grandes representantes a cubana e a porto-riquenha. Aquela se aproxima das literaturas provenientes de outros países do Caribe hispânico por partilhar, além da origem geográfica, a língua e uma história de colonialidade e escravidão. Pode-se encontrar textos cubano-americanos desde o século XIX, geralmente relacionados ao movimento de independência da Espanha, sendo José Martí o nome mais importante nesse sentido (SOUZA, 2018; p. 36). Com o aumento da migração para os Estados Unidos, na década de 50, esse movimento toma proporções que o caracterizam como diaspórico.

Esse processo de diáspora, que inicialmente era composto por uma camada da sociedade cubana com mais recursos, hoje é formado por várias camadas sociais e, consequentemente, integrada por indivíduos de diferentes constituições ideológicas, diferentes formas de inserção na cultura norte-americana, diferentes atitudes estéticas e diferente posição em torno à língua literária (SOUZA, 2018; p. 38).

Por conta dessa diversidade, podemos dizer que a literatura cubana produzida nos Estados Unidos é formada por autores de diferentes ideologias, e até mesmo diferentes formas de enxergar o próprio exílio, ou seja, existe quem aguarda o retorno a Cuba e quem nunca esteve lá.

Já quando falamos da literatura dominicana, observamos que tratar-se de algo mais recente e menos estudado. Embora a ocupação norte-americana na República Dominicana tenha durado quase duas décadas (1916-1934), pode-se dizer que foi só a partir da década de 60, com o fim da ditadura de Rafael Leónidas Trujillo, que o movimento migratório passa a ter características diaspóricas. O fato de o governo dominicano conceder dupla cidadania aos indivíduos nascidos nos Estados Unidos confere à diáspora dominicana um caráter ainda mais transnacional, uma vez que a manutenção do vínculo entre os dois países é estimulada institucionalmente.

Então, a manutenção dos vínculos com os países de origem ao mesmo tempo em que também são construídos vínculos com os lugares onde esses imigrantes passam a viver, conferem à essa diáspora um aspecto de transnacionalidade e não de aculturação.

Porto-riquenhos, dominicanos e cubanos nos Estados Unidos e em Porto Rico “mantêm contatos sociais, políticos, econômicos, culturais e emocionais com suas comunidades de origem” (SOUZA, 2018; p. 42), construindo pontes entre dois ou mais estados, mercados, culturas e línguas, enterrando os discursos dominantes de nação, que são polarizados entre lugar de nascimento x residência, definição cultural de identidade e cidadania x definição legal de identidade e cidadania e entre fronteiras x limites.

Para Elena Palmero González, a transnacionalidade é responsável por uma interpretação mais moderna das diásporas, colocando-as em um contexto de “intercâmbio econômico, político e cultural” e não mais um despojo cultural e consequente absorção da comunidade diaspórica pela anfitriã (GONZÁLEZ, 2015; p. 03).

Nos Estados Unidos da década de 1960, eventos políticos como os movimentos pelos direitos civis e o *Black Power* chamaram a atenção para as demandas que estavam sendo propostas por esses movimentos sociais, e a literatura latina, escrita no Estados Unidos e em inglês, teve grande parcela de importância na divulgação dessas demandas.

Inclusive, estudantes de origem do Caribe hispânico, muitos deles filhos e filhas de imigrantes, agiram de forma ativa na criação e desenvolvimento de programas de estudos latino-americanos ou estudos porto-riquenhos em Nova York e em alguns estados do Nordeste do país. Tais cursos eram diferentes de tudo que já havia sido criado até então, primeiro porque surgiu uma demanda de que tais cursos falassem sobre a vida em países como Porto Rico, República Dominicana e Cuba e sobre a experiência dos imigrantes desses países nos Estados Unidos. A outra peculiaridade desses cursos era a utilização de uma perspectiva empática, que compreendia e se solidarizava com o que estava sendo ensinado (SOUZA, 2018)

Embora crescente, essa “latinização” que acontece nos Estados Unidos, desde o final do século XX, não significa necessariamente uma maior incorporação da cultura latina ao espaço hegemônico anglo-saxão nem a sua aceitação pela cultura dominante norte-americana.

Dentro desse “*melting pot*” de culturas, observa-se uma subdivisão dentro da literatura latina nos Estados Unidos, que se funda, principalmente, nos fenômenos migratórios e no desenvolvimento de cada uma dessas comunidades, como os chicanos – imigrantes mexicanos

-, os *nuyorriqueños*<sup>6</sup> – imigrantes de Porto Rico -, os cubano-americanos, dentre outros, e isso evidencia o fato de que o rótulo étnico “latino” nada mais é do que um termo guarda-chuva para identidades culturais heterogêneas e complexas e que, muitas vezes, percorrem trajetórias e habitam territórios distintos (TORRES, 2011; LÓPEZ, 2014 *apud* FERREIRA; OLIVEIRA, 2018; p. 77).

A chamada literatura latina nos Estados Unidos tem o que podemos chamar de natureza dual, uma vez que num nível nacional é vista como a literatura de uma minoria étnica, mas escrita em inglês, isto é, atinge um público majoritário da população estadunidense, mas esse fato acaba se tornando um contrassenso uma vez que a experiência histórica e cultural representada naquela literatura é de uma população imigrante, minoritária e subalternizada pela grande nação norte-americana. Ao mesmo tempo, num nível macrorregional latino-americano, essa literatura latina é vista como um desafio em termos de formação cultural, tendo em vista sua localização diaspórica, mais especificamente dentro do território daquele que os oprime, e também pelo uso do inglês como idioma principal (POBLETE, 2009; p. 170).

Por sua vez, o desenvolvimento dessa literatura latina nos Estados Unidos culminou em um processo de redefinição do que vem a ser a literatura norte-americana ao mesmo tempo em que problematiza e expande os elementos geopolíticos e culturais daquilo que denominamos de literatura latino-americana.

Ainda, González (2016; p. 3) demarca que James Clifford entende que as diásporas não são temporárias, como acontece com outras formas de deslocamento, pois a tendência do movimento diaspórico é de construir novos lares, novos sentidos de pertencimento e de fixar raízes. Não há, outrossim, o desaparecimento de uma cultura, mas sim seu enriquecimento por conta das trocas culturais no seu novo lugar de adoção. Além disso, levando em consideração os diversos processos diaspóricos que constituem a formação das Américas, pode-se dizer que não há uma origem fixa para qualquer cultura, o que pode caracterizar a cultura diaspórica como uma forma natural de cultura, ou seja, não há necessariamente um processo de apagamento da cultura diaspórica em detrimento da cultura de adoção, mas sim uma espécie de fusão entre ambas.

Citando especificamente Paul Gilroy, González (2016; p. 04) assinala que na obra “O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência” (2001), do referido autor, este compreende

---

<sup>6</sup> Segundo Elena Palmero González (2015), “Nuyorriqueño ou Nuyorican é uma composição linguística dos termos nova-iorquino (do inglês New Yorker) e porto-riquenho (do espanhol Puertorriqueño) para se referir à cultura da diáspora porto-riquenha que se desenvolveu no estado de Nova York, especialmente na cidade de Nova York. Também é usado para nomear essa cultura diaspórica em outras regiões do noroeste de Estados Unidos. Os porto-riquenhos nascidos na ilha também a usam para se diferenciar dos nascidos fora dela”



que o processo diaspórico não deve ser entendido como traumático, ou como um aniquilador de culturas, mas sim como um processo rico, com trocas culturais e redefinições do senso de pertencimento do sujeito em diáspora. Neste sentido, portanto, afirma Gonzalez que “sua grande contribuição para uma teorização das diásporas está em pensar o diaspórico como um processo fecundante, que garante os sentidos de rede, multiplicidade, interação, desafiando as soberanias territoriais e as identidades absolutas”.

Quanto ao conceito de biculturalidade, González (2019; p. 107) cita Eliana Rivero, que entende o lugar de fronteira como algo que liga uma coisa à outra como uma ponte, e não como um “lugar de excisão identitária”. Portanto, utiliza o termo “latinounidense” como resultado dessas identidades híbridas e transnacionais que se encontram na fronteira. Inclusive, o conceito de transnacionalidade é usado pelos autores latinos nos Estados Unidos como algo que ultrapassa a biculturalidade e que é marcada por múltiplos retornos à cultura de origem – como visitas, envolvimento político e até retornos definitivos. Ainda, deve-se levar em consideração que tais identidades transnacionais são profundamente moldadas em ambas culturas e por elas.

As comunidades de imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos vêm produzindo, principalmente desde o final do século XX, expressões culturais muito relevantes. Na literatura, a realidade migratória é o principal tema das obras, que são escritas em inglês ou em *spanglish*<sup>7</sup> e, por isso, acabam sendo marginalizadas na história literária dos países latino-americanos de origem de seus escritores. E por se tratar de uma expressão cultural de comunidades que fazem parte de uma minoria subalternizada nos Estados Unidos, também não são incluídas na história literária dos Estados Unidos.

Além do *spanglish*, podemos observar também o uso de um *codeswitching* (alternância de código) que, juntamente com a mistura dos dois idiomas, contribui para refletir a realidade linguística do cotidiano dos sujeitos latinos que, assim como suas identidades, também possuem uma língua híbrida.

Gloria Anzaldúa, escritora *chicana*, que se multiplica em sua escrita bilingue, acrescenta às categorias que envolvem as fronteiras, uma perspectiva relacionada à linguagem, utilizando a escrita como uma forma de sobreviver e como um instrumento de resistência. Procura subverter todas as relações de poder que atravessaram seu caminho, questionando como a lógica

---

<sup>7</sup> Dentre as muitas definições de *spanglish*, ateno-me à do autor Joaquim Ibarz (2002): “La lengua resultante del mestizaje entre español y el ingles, conocida como 'spanglish', es hablada por mas de 25 millones de personas a ambos lados de la frontera entre Mexico y Estados Unidos, zona em la que residen cerca de 40 millones de latinos. La mayoría utiliza formas diferentes de este dialecto, que cambia segun el pais de origen de quien utiliza, como el cubonics de Miami, el nuyorrican de los puertorriqueños de Manhattan y el calo pachuco de San Antonio.”

construída pelas nações dominantes operava diretamente em sua vida, adicionando à problemática, questões de gênero, sexualidade, raça e etnia.

Lívia Souza (2018; p. 45), cita o autor William Luis ao propor que essa literatura latina produzida nos Estados Unidos deve ser dividida em duas categorias principais: a dos autores que foram educados e formados em seu país de origem, de onde tiveram que sair depois de adultos e que escrevem no idioma natal; e a dos autores que nasceram ou foram criados nos Estados Unidos e que, em sua maioria, escrevem em inglês. Continua afirmando que essa segunda categoria faz uma “literatura étnica” que, por sua vez, dá vazão às demandas que surgiram para esses indivíduos quanto à negativa de acesso à uma identidade, pela sociedade estadunidense e quanto ao seu não pertencimento à cultura dominante.

No que concerne à literatura cubana produzida nos Estados Unidos – foco dessa pesquisa -, Lívia Souza (2018; p. 38) apresenta uma característica que a diferencia das demais, tendo em vista que os integrantes dessa comunidade muitas vezes se definem como exilados políticos. Afirma ainda que existe uma proximidade com as literaturas provenientes dos outros países do Caribe hispânico por partilharem “a origem geográfica, a língua, uma mesma história de colonialidade, escravidão e neocolonialidade, assim como a experiência de sucessivas diásporas em seu desenvolvimento histórico”. O movimento pela independência de Cuba da Espanha foi, segundo a autora, a origem desses textos de autores cubano-americanos no século XIX e tem em José Martí seu principal nome. Entretanto, a diáspora cubana só toma força com o regime ditatorial de Batista e com a revolução cubana e tais eventos acabaram por moldar a comunidade cubana que vivia fora da ilha e que atualmente é integrada por autores de “constituição ideológica distintas, diferentes níveis de inserção na cultura norte-americana, diferentes atitudes estéticas e diferente posição em torno à língua literária”.

## 2.2 INTERSECCIONANDO A ESCRITA: LITERATURA *QUEER* LATINA

Para melhor compreendermos a literatura *queer*, faz-se necessário historicizar, ainda que de forma concisa, o que chamamos hoje de teoria *queer*. Ela surge como uma crítica à ordem sexual contemporânea, resultado da contracultura e das demandas dos novos movimentos sociais da década de 1960, quais sejam, o movimento pelos direitos civis da população negra no Sul dos Estados Unidos, o movimento feminista da chamada segunda onda e o movimento homossexual. São conhecidos como *novos* movimentos sociais porque surgiram

após o movimento operário e trouxeram à tona demandas que ultrapassavam as de redistribuição econômica.

Entendendo que as desigualdades presentes na sociedade iam além da questão econômica, esses novos movimentos sociais passaram a apontar o corpo, o desejo e a sexualidade como formas de expressão de poder e, por conta disso, passaram a contestar o *status quo* no sentido de viabilizar às mulheres o controle sobre a contracepção, aos negros o controle sobre saberes e práticas racializadoras e aos homossexuais a luta contra uma patologização que os caracterizava como perigo social e psiquiátrico (MISKOLCI, 2012; p. 157), além de ser uma resposta crítica à “globalização à americanização branca, hetero-gay e colonial do mundo” (MISKOLCI, 2009; p. 160).

Ainda, de acordo com Richard Miskolci (2009; p. 151), houve um estranhamento dessa teoria com as ciências sociais tendo em vista que estas tratavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade, e por conta disso, teóricos *queer* rejeitavam essa lógica, no sentido de um entendimento que questionasse os pressupostos normalizadores presentes na sociologia. Inclusive, a escolha do termo *queer* como autodenominação desse grupo foi proposital, com o intuito de transformar o sentido pejorativo da palavra, que denotava anormalidade, para um significado de normalização.

O termo *queer* enfatizava a forma como a sociedade encarava aqueles que não se encaixavam no modelo heterossexual, denominando-os como “estranhos”, “peculiares”, “anormais”. Contudo, no final do século 20, nos Estados Unidos, o termo *queer* ganhou um novo sentido a partir do momento em que gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros passaram a se organizar politicamente com objetivo de combater a violência e o preconceito que vinham sofrendo até então. E uma das medidas adotadas por esses grupos foi o uso da palavra *queer* em cartazes e gritos de protesto – como é o caso de “*We’re here! We’re Queer! So get used to it!*”<sup>8</sup>, frase criada pelo grupo de Nova York, *Queer Nation*. Ao pegarem para si a denominação *queer*, o termo passou a ter uma conotação positiva (NODARI, 2019; p. 13).

Podemos afirmar que foi após o fortalecimento do pós-estruturalismo, que a Teoria *Queer* cresceu. O pós-estruturalismo, por sua vez, surgiu como uma forma de repensar e analisar as teorias estruturalistas, desconstruindo alguns conceitos antes considerados verdades absolutas.

A teoria *queer*, como pensamento crítico, se propõe justamente a desafiar as identidades a fim de promover uma profunda revisão teórica e política, questionando a ordem social e

---

<sup>8</sup> Nós estamos aqui! Nós somos *queer*! Então se acostumem com isso! (tradução nossa)

cultural que determina quais identidades são aceitáveis e normais ou abjetas e patológicas (NODARI, 2019; p. 26). Ela surge como movimento pós-feminista que critica a naturalização da noção de feminilidade que serviu por muito tempo como elemento coesivo do feminismo. Ainda, fundamenta seus postulados na crítica ao sujeito unitário do feminismo: colonial, branco, de classe média e desprovido de sexualidade. Podemos entender ainda, que a teoria *queer* surge também como um movimento que vem criticar o sujeito unitário homossexual (gay/lésbica) que se baseia numa identidade sexual estática que enxerga os homossexuais como um grupo homogêneo e normal desde encaixado nos moldes de uma cultura heterossexual de construção de família e casamento como objetivos primordiais. Isso quer dizer, portanto, que aquele sujeito não esteja alinhado a esse tipo de estrutura social, é tido como anormal dentro dessa comunidade, agora normalizada, e composta de sujeitos homossexuais que seguem uma heteronormatividade imposta a eles.

Em resumo, tudo o que se refere ao *queer* – que é um xingamento, em inglês – tem uma conotação de rejeição, daquilo que não é passível de atenção, cuidado, importância, ou seja, daquilo que é abjeto, que desperta nojo, medo, desprezo. Portanto, de acordo com Richard Miskolci (2012; p. 06), a problemática *queer* não se atém à homossexualidade, mas à abjeção, ou seja, ao lugar em que são colocados aqueles e aquelas que são considerados(as) “ameaça” à ordem social e política de uma sociedade. E o movimento *queer* vem tornar visíveis as injustiças e violências que aqueles indivíduos considerados abjetos sofrem por não estarem dentro do que é considerado “normal” pela coletividade.

E, ao tratarmos da teoria *queer*, temos que falar também da crítica *queer* não branca ou, como chamamos em inglês, *Queer of Color*. Segundo Caterina Rea (2018; p. 118), “pretende-se diferenciar das outras produções *queer* que poderiam ser definidas como brancas, pois centradas na dissidência sexual e de gênero, conferindo um papel secundário aos outros marcadores sociais”, como raça, por exemplo. A crítica do *queer of color* gira em torno da imposição, pelo Ocidente, de uma universalidade da sexualidade. Tais análises apontam para a existência de diferentes maneiras de viver a própria sexualidade dissidente, dando lugar a uma epistemologia plural da sexualidade. Ou seja, o próprio termo *queer* é ressignificado para além da dissidência sexual, passando a se opor não somente à heterossexualidade, mas sobretudo a formações homonormativas, uma vez que estas tendem a ocultar a pluralidade das opressões sofridas pelos indivíduos “dissidentes” (REA, 2018; p. 125).

E, uma das maiores representantes, da atualidade, da literatura considerada *queer* não branca, na “carta às escritoras do terceiro mundo” – *Speaking in Tongues: A letter to 3rd world women writers*”, capítulo do livro *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of*

*Color* (1981), Gloria Anzaldúa traduz em palavras os sentimentos que a povoam quando está em seu processo de escrita. Numa alusão à sua condição de mulher, negra e do terceiro mundo, invoca as outras mulheres a pensar o significado dessas identidades. Questiona o que diferencia as escritoras brancas das escritoras negras. E a resposta vem quase como uma provocação; a ausência de privilégios.

*Chicana*, Anzaldúa mostra que tais privilégios que lhes foram negados, exatamente por ser quem era, a obrigou a lutar contra o sistema que a oprimia e a seu povo:

I, for one, became adept at, and majored in English to spite, to show up, the arrogant racist teachers who thought all Chicano children were dumb and dirty. And Spanish was not taught in grade school. And Spanish was not required in High School. And though now I write my poems in Spanish as well as English I feel the rip-off of my native tongue<sup>9</sup> (ANZALDÚA, 1981; p. 165).

Continua, em sua carta, questionando o motivo pelo qual encontram tantas dificuldades como escritoras negras. Conclui que são temidas, não só as negras, mas todas não brancas, pois são as que fogem do estereótipo que os brancos construíram para elas (ANZALDÚA, 1981; p. 169). E ao fugir e questionar tais estereótipos, mostram que por baixo da pele escura, não se diferem em nada dos brancos.

Para a autora, portanto, escrever significava muita coisa, dentre elas, manter sua revolta e a ela mesma vivas. Escrevia também porque o mundo que ela criava ao escrever compensava o que o mundo real deixava de oferecer a ela; ou para deixar gravado o que apagam quando ela fala; para se descobrir, se preservar e conseguir autonomia; para se convencer que ela tem valor e que o que ela escreve não é um monte de besteiras e também porque ela tinha medo de escrever, mas tinha muito mais medo de não escrever (ANZALDÚA, 1981. p. 171).

Não é novidade que as mulheres, até hoje, são oprimidas apenas pelo fato de serem mulheres. Não só na América Latina, mas no mundo de forma geral. Opressões sociais, econômicas, políticas, sexuais. Todos esses aspectos da vida de uma mulher são atingidos por

---

<sup>9</sup> Eu, por minha vez, me tornei adepta do inglês e me formei em inglês, pra poder cuspir e me gabar para os professores, racistas e arrogantes que pensavam que toda criança *chicana* era burra e suja. E espanhol não era ensinado no ensino fundamental. E não era requisito no ensino médio. E apesar de agora eu escrever meus poemas em espanhol tão bem como em inglês, eu me sinto alijada da minha língua materna (tradução nossa).

esse fenômeno que chamamos de machismo e que estereotipa os papéis de gênero de homens e mulheres.

O impacto causado pelo machismo é tema amplamente estudado por estudiosos da área e acadêmicos, entretanto não há um consenso de seus efeitos de forma universal, uma vez que o machismo é um fenômeno cultural que atinge cada sociedade de forma única.

Importante ressaltar que, além do óbvio impacto do machismo sobre as mulheres, os homens também são atingidos por seus efeitos, uma vez que meninos, desde pequenos, são ensinados que eles é que serão responsáveis, de forma geral, pela estrutura de sua futura família, que terão que ser fortes e que fraqueza é uma característica feminina, ou seja, o homem não pode demonstrar vulnerabilidades desde criança. Essa crença é reafirmada diariamente na sua vida cotidiana nas pequenas atitudes que a criança presencia, tais como o próprio pai sendo agressivo com a esposa, a mãe sendo submissa e aceitando situações de violência física, psicológica, patrimonial etc. eventualmente, essa criança pode vir a ter os mesmos tipos de atitudes, já naturalizadas em sua infância, quando se casar, por exemplo.

Como os homens, de forma geral, estão sempre tentando atingir as expectativas impostas pela sociedade – estruturalmente machista – eles são desencorajados a demonstrar ansiedade, dúvidas, incertezas ou expressar seus sentimentos ou preocupações. E a consequência dessa supressão de emoções é um autoritarismo e, conseqüentemente, o uso de violência para manter o controle sobre suas/seus parceiras(os).

Até a lei, em casos como o crime “em defesa da honra” no Brasil, por exemplo, até pouco tempo atrás, permitia que o marido/namorado matasse a própria parceira, ou seu amante, caso fossem descobertos num caso extraconjugal. Isso nada mais é que o machismo mais que presente na sociedade, arraigado.

Contudo, o crescimento do movimento feminista pelo mundo, e mais especificamente na América Latina, levou as mulheres a juntarem forças para lutar contra os papéis de gênero estereotipados pelo machismo. Na história da América Latina, apesar da forte presença do machismo, as mulheres sempre participaram na vida política e econômica de seus países. Ocorre que, grande parte de sua identidade política esteve ligada ao papel de cuidado, ou seja, a maternidade ofereceu uma entrada bem particularizada das mulheres na política, o que propiciou, de certa forma, uma base política mas que trouxe algumas restrições relacionadas ao próprio gênero. Porém, apesar das dificuldades, as mulheres vêm alcançando uma voz cada vez mais alta e uma presença sociopolítica cada vez maior na América Latina e isso acarreta, dentre outras conseqüências, uma presença cada vez mais naturalizada em posições importantes nas sociedades.

Política e culturalmente falando, o feminismo se torna terreno fértil na literatura. Autoras, cujas obras talvez não tivessem espaço no mercado há algumas décadas, hoje fincam presença no mercado editorial e trazem em suas obras especificidades cuja importância e tamanho só são plenamente compreendidos por quem entende a grandeza de um movimento libertador como o feminismo.

Voltando a Anzaldúa, podemos afirmar que seu sujeito subalterno/*chicano* articula uma identidade mestiça que já antecipava a crítica ao pensamento binário e enfatiza que a diferença constitui-se como espaço de poder, trazendo mais complexidade para o discurso feminista (COSTA; ÁVILA, 2005). Pode-se dizer que ela buscou incessantemente, por meio de sua escrita e de seu ativismo, redefinir as identidades *chicana*, lésbica e *queer*, ressignificando, de maneira descolonizada, esses marcadores identitários. O texto *La Conciencia de la mestiza/Towards a New Consciousness*, enfatiza essa mistura de identidades que a habita:

Como mestiza, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a queer em mim existe em todas as raças.) Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta. Soy un amasamiento, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados.

Tendo como foco processos de hibridismo cultural, a obra de Anzaldúa discute o surgimento de uma nova subjetividade que não é branca, nem índia, nem hispânica, mas mestiça, nascida em um contexto cultural e social específico, o “entre lugar” da cultura chicana: a fronteira México-Estados Unidos. Ressignificando os conceitos relacionados às questões de gênero, etnia e identidade sexual disseminados pelo poder hegemônico, Anzaldúa cria um discurso que aponta para a valorização da “voz triplamente diferente”: mulher, mestiça e

lésbica. Sua narrativa engloba uma noção de fronteira que vai além da delimitada pelo espaço físico, pois ressalta também as fronteiras invisíveis que controlam, socialmente, o sujeito.

Ao questionar o que é ser mestiço e, à medida que examina os efeitos dessa mestiçagem, além de trazer à tona o próprio significado da noção de sujeito fronteiriço, propõe uma nova identidade para o sujeito feminino que nasceu e viveu nessa fronteira e desarticula o conceito hegemônico de cultura que classifica de central a cultura do dominador e de periférica a do dominado. Esse questionamento leva à reflexão de que a autora possui uma identidade particular – chicana e mestiça – e, portanto, diferente das demais identidades latinas presentes no território dos Estados Unidos. A partir dessa constatação, a autora demarca a sua identidade mestiça e desafia os padrões impostos pela cultura dominante à identidade dos chicanos, como o "outro" inferior à identidade pura e hegemônica dos estadunidenses e dos mexicanos.

Talvez possamos entender, portanto, pela escrita de Anzaldúa, o caminho que percorreram essas mulheres, essas escritoras que, pelo fato de terem identidades não brancas, subalternizadas, e *apesar* dessas identidades, estão cada vez mais inseridas no mercado literário.

Outro exemplo de escritora *chicana* é Sandra Cisneros. Filha de um mexicano e de uma norte-americana, a única menina entre seis irmãos, passou a escrever ainda criança, tendo como influência a sua mãe que, mesmo numa posição dependente e subalterna ao marido, garantiu que a filha não passasse pelas dificuldades que a mãe, como mulher, passou. Até mesmo porque sentia-se controlada, tanto o pai como pelos irmãos, que acreditavam no papel tradicional das mulheres dentro da estrutura familiar

Sua obra mais famosa, *The House on Mango Street* a tornou a primeira escritora mexicana-estadunidense a ser publicada por uma grande editora. Após muitas críticas positivas, seu livro começou a ser criticado negativamente por alguns autores, também mexicano-estadunidenses, homens, que acusaram Cisneros de perpetuar em sua obra o estereótipo dos homens *chicanos*, uma vez que *The House on Mango Street* tem como enredo as questões de ser mulher em uma sociedade majoritariamente patriarcal.

Publicada em 1984, a referida obra conta a história de uma menina *chicana* chamada Esperanza, de doze anos, que se muda com sua família para uma casa na Mango Street. Ela passa a observar a vida dos vizinhos, o que representa os vários caminhos possíveis que a vida dela própria tome.

A obra oferece um olhar sobre os significados do machismo e o papel de uma esposa submissa, incluindo alusões a mulheres constantemente sendo subjugadas, fazendo-as perder o controle sobre a própria vida e se submentendo, portanto, à dominação masculina. E exatamente pelo fato de ter sido criada no seio de uma família machista, seu sonho de independência,



simbolicamente representado no texto pelo sonho de ter uma casa própria, opõe-se à tradição machista imposta, assumindo a escrita de Cisneros traços de um feminismo incipiente especificamente com a protagonista a sonhar com a independência econômica e a liberdade sexual (LOBO, 2015; p.247).

Em artigo publicado pelo XI Congresso Brasileiro de Hispanista, Maria Valois (2020) resume quem é Sandra Cisneros:

(...) uma transgressora de fronteiras, que questiona valores tradicionais, comportamentos, normas historicamente determinadas pela cultura e outros sistemas de dominação que influenciam na formação das identidades principalmente de sujeitos que são excluídos econômica e culturalmente. Por não partir de um centro cultural hegemônico, Cisneros tece críticas às culturas, contextos e ao sistema patriarcal, a partir de uma perspectiva feminista e transcultural, denunciando situações de desigualdade pautadas na diferença.

Nesse rol de autoras, não podemos deixar de mencionar Ana Castillo, mais uma voz a acompanhar a emergência do pensamento *chicano* nos Estados Unidos, que contribui ativamente para a “implementação da literatura *chicana* feminina no panorama cultural americano, bem como para o próprio desenvolvimento de uma epistemologia relacionada com a experiência deste grupo étnico num território onde é considerado minoria oprimida” (LOBO, 2015; p. 289).

A autora, filha de pai mexicano-americano e de mãe mexicana imigrante, nasceu e cresceu em Chicago numa família fortemente influenciada pelas heranças mexicana e indígena. A experiência de Castillo, à semelhança da de outras autoras *chicanas*, comprova a existência de uma identidade fraturada, uma vez que é nativa da cultura da fronteira, uma fronteira que Anzaldúa tão adequadamente descreve.

Descreve-se como *xicanisma*, termo que criou como uma percepção não binária no que diz respeito a questões de gênero, classe e raça. Suas publicações incluem oito romances, contos, cinco coleções de poesia, um livro infantil, dois livros de não ficção, tradução de uma adaptação da obra *The Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*, além de ser ganhadora de inúmeros prêmios literários. Dentre alguns de seus títulos, podemos citar: *Otro Canto* (1977), *Women Are Not Roses* (1984), livro no qual a autora explora a dificuldade dos pobres e da classe trabalhadora em se dividir entre dispendar energia para o trabalho ou para

suas relações eróticas. Em outra obra, o livro *The Mixquiahuala Letters* (1986), Castillo examina a reação dos homens das comunidades latina e anglo-saxônicas sobre a sexualidade das mulheres latinas.

Suas obras constroem conexões entre gerações, desafiam fronteiras de raça, gênero, sexualidade e pertencimento. Suas contribuições para a produção cultural latina e para o pensamento feminista latino transcendem fronteiras e ajudam na práxis feminista e na literatura contemporânea.

A razão pela qual menciono essas autoras é que elas, assim como Obejas, são precursoras do que podemos chamar de um pensamento literário feminista latino. Não podemos pensar na literatura latina escrita por mulheres hoje em dia sem incluir os nomes de Gloria Anzaldúa, Sandra Cisneros, Ana Castillo, Achy Obejas e muitas outras, de distintas origens geográficas, como responsáveis por iniciar uma trajetória literária que estabelece um protagonismo daquelas que sempre foram subalternizadas na história e na sociedade, ou seja, mulheres, em sua maioria, não brancas, não heterossexuais e originárias de países latino-americanos e que passaram a viver nos Estados Unidos após passarem por processos diaspóricos.

Trilhando esse mesmo caminho, novos nomes da literatura latina *queer* podem ser mencionados, como Carmen Maria Machado, Gabby Rivera e Myrian Gurba. Machado é uma escritora norte-americana, neta de um cubano e de uma austríaca. Seus ensaios, contos e outros textos já foram publicados em jornais e revistas como *The New Yorker*, *New York Times*, *Granta*, *Tin House*, *Harper's Bazaar*, entre outros. Já ganhou prestigiosos prêmios como o *Bard Fiction Prize*, o *Lambda Literary Award for Lesbian Fiction* e o *Lambda Literary Award for LGBTQ Nonfiction*<sup>10</sup>. É também mestre pela *Iowa, Writers' Workshop*, e vive na Filadélfia com sua esposa. Uma de suas obras mais recentes, “A casa dos sonhos” (2019), vem sendo aclamada não apenas como uma “autobiografia convencional e mais como uma miscelânea de estilos, referências, gêneros literários, textos em que o real e o imaginário se confundem”<sup>11</sup> pois a tal casa serve de cenário para o relacionamento profundamente abusivo entre Machado e outra escritora. Trata-se de uma exceção dentro da literatura pois documenta uma relação abusiva *queer*, especificamente lésbica.

Numa entrevista concedida ao *site therumpus.net*<sup>12</sup>, Machado diz que embora seja latina, é lida como alguém de pele branca e que, talvez por isso não tenha escrito muito sobre raça, já

<sup>10</sup> <https://carmenmariamachado.com/biography>

<sup>11</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/06/carmen-maria-machado-explora-limites-do-metoo-em-livro-sobre-relacao-abusiva.shtml>

<sup>12</sup> Disponível em: <https://therumpus.net/2018/03/28/visible-women-writers-of-color-carmen-maria-machado/>. Acesso em 20 jul 2022.

que entende que ela estaria tirando o espaço de outras escritoras que experimentam o racismo de forma mais intensa que ela. Explica ainda que, de vez em quando, a pergunta “o que você é?” aparece, quando a questionam sobre a sua raça; “as pessoas acham que eu sou branca, mas ao mesmo tempo dizem ‘eu sei, pelo seu nome, que você não é branca, mas você parece tão branca’”.

Já Gabby Rivera, uma porto-riquenha do Bronx, ou seja, uma Nuyorican, nascida e criada em Nova York, é filha e neta de porto-riquenhos. Em entrevista ao *site* da Los Angeles Public Library<sup>13</sup>, fala que as histórias contadas por seus avós e tias, são sua grande fonte de quase tudo que sabe sobre Porto Rico. E juntamente com algumas leituras feitas ao longo da vida, considera que sua herança cultural é constituída não só pelo sangue, mas também por outros porto-riquenhos em diáspora que fizeram seu melhor na busca por sua felicidade. Diz ainda que gosta de misturar em suas histórias tudo que é gay, *queer*, e um pouco da “magia do gênero” a sua própria herança cultural a até mesmo aos costumes familiares pois, explica ela, sempre quis celebrar a *queerness* em sua família e que o assunto não fosse tratado apenas com segredos e tolerâncias.

Ativista, ela advoga pelos direitos da comunidade LGBTQIA+, liderando inclusive uma organização que visa garantir escolas seguras e afirmativas para as (os) estudantes LGBTQIA+. Ela é autora de *Juliet takes a breath*, uma obra autobiográfica que conta a história de uma porto-riquenha *queer*, que deixa o Bronx para estagiar com um de seus heróis literário, um autor feminista chamado Harlowe Brisbane. Também é autora da nova série da Marvel Comics, *America*, que introduz a primeira super-heroína *queer* e latina, chamada America Chavez, sendo a primeira latina a escrever para a Marvel.

Outra voz de grande importância para a literatura latina escrita nos Estados Unidos, Myriam Gurba, artista e escritora, uma *queer* latina que cresceu na Califórnia, filha de mãe mexicana e pai polonês, está posicionada entre uma das mais importantes autoras latinas da atualidade. Para ela, ser uma artista está tão arraigado a sua própria essência tal como o gênero também está, ou seja, você sabe se você é do gênero masculino, feminino ou se não pertence a nenhum deles, assim como você sabe quando você é uma artista. Ela entende seu gênero como arte<sup>14</sup>. Sua obra de maior sucesso, *Mean* – indicada ao prêmio de melhor não ficção lésbica pela *Lambda Literary* -, uma autobiografia que conta, com toques de comédia, a história do abuso sexual que sofreu na faculdade pelas mãos de um homem que matou suas outras vítimas. Essa

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.lapl.org/collections-resources/blogs/lapl/la-libros-fest-interview-gabby-rivera>. Acesso em 20 jul 2022.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://molaa.org/who-are-you-myriam-gurba>. Acesso em: 20 jul 2022.

obra acaba botando em evidência os traumas com os quais mulheres vítimas de abuso sexual têm que lidar.

E para além do fato de que todas as autoras citadas serem latinas e mulheres lésbicas, podemos nos atentar para outra semelhança entre a escrita daquelas que vieram antes em relação a essas escritoras mais contemporâneas: o processo de “sair do armário” continua sendo algo que demanda energia, tolerância e resiliência para algumas.

Nas obras daquelas autoras que já escrevem há mais tempo, como Achy Obejas, podemos perceber que a orientação sexual das personagens é integrada às histórias como algo que afetava a todos em seu entorno, como uma questão passível de questionamentos e discussão. Certamente, trata-se de um reflexo da sociedade à época em que as obras dessas escritoras foram feitas. Trazendo novamente o exemplo de Obejas, o conto objeto deste trabalho foi escrito nos anos 80, sob o fantasma da epidemia da AIDS, e mesmo assim, apesar de os pais da personagem principal serem ideologicamente mais conservadores e idealizarem a vida de sua filha dentro de uma normalidade heteronormativa, a personagem tem uma segurança de quem ela é, do espaço que ocupa e de que não há nada de errado com o fato de ser lésbica. Não há uma “saída do armário” traumática, mesmo porque não houve uma conversa sobre o assunto, tudo era subentendido, mas existe no texto a necessidade de mostrar que ela fazia parte de uma contracultura, sendo um dos motivos, o fato de ser lésbica.

Ao mesmo tempo, podemos citar a obra *Juliet takes a breath*, de Rivera, na qual a protagonista tem que sair do armário para os pais que, apesar de não terem, inicialmente, entendido direito com deveriam agir, a acolheram. E, intencionalmente, Rivera quis trazer essa discussão à superfície pois objetivou também que adolescentes *queer*, latinas(os) – como a personagem – se espelhassem naquilo e entendessem que pode existir acolhimento e amor por parte de suas famílias<sup>15</sup>.

Contudo, observamos uma diferença entre as obras mais contemporâneas e as que foram escritas há mais tempo; as autoras mais novas dão menos importância à nacionalidade das personagens, importando sim o fato de serem latinas - e lésbicas. Embora haja diferenças culturais entre países latino-americanos, modernamente essas diferenças são menos relevantes em detrimento de uma maior unidade das comunidades de imigrantes a partir de características como o idioma.

Portanto, para uma análise da obra de Achy Obejas, importante trazer à baila um esboço sobre a literatura *queer*. Primeiramente, podemos dizer que ela não é direcionada unicamente

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://peopleenespanol.com/chica/ana-de-armas-latinas-hollywood-blonde/>. Acesso em: 20 jul 2022.

aos que não se enquadram nos padrões considerados como normais de gênero ou sexualidade. É, antes de tudo, adentrar no universo considerado torto, incomum, antinatural e perceber que, para que certas identidades sejam tidas como erradas, é necessário que existam outras tidas como verdadeiras, corretas. Ou seja, trata-se de um exercício de alteridade. Ler literatura *queer* com os olhos de alguém que se enquadra numa identidade considerada socialmente adequada é refletir acerca dos mecanismos que sustentam a noção de adequabilidade.

Como definir a literatura *queer*? Dentro de uma perspectiva pós-estruturalista, podemos entender a literatura como lugar privilegiado para a encenação de todos os saberes, deixando de lado perspectiva que enxergava o texto exclusivamente como um artefato linguístico, passando a entender a obra literária no contexto de sua produção como, sobretudo, um objeto cultural, a partir das chamadas condições de produção do discurso (NODARI, 2019; p. 32).

Nessa linha de pensamento, entendemos a importância do pós-estruturalismo, para o qual não há, nos textos, significados fixos, ou seja, as oposições binárias tradicionais, como homo e heterossexual, são instáveis e passíveis de desconstrução. Dessa forma, a heteronormatividade passa a ser desconstruída, assim como a homofobia, o sexismo e o racismo. Entretanto, é observada uma linha que divide a literatura gay/lésbica da literatura *queer*; a recusa, por parte do *queer*, da definição de um sujeito fixo e estável, ou seja, ela não busca a personagem nem o autor(a) homossexual, nem indícios de que o(a) autor(a) o seja, mas tenta trazer o *queer* de dentro do próprio texto, da presença de personagens gays, lésbicas, transsexuais e transgêneros em seus enredos e não pelo fato de o(a) autor(a) ser ou não gay/lésbica. Porém, com o intuito de classificar a literatura *queer*, também podemos identificar a perspectiva que a identifica com aqueles textos que possuem personagens homossexuais, transsexuais e transgêneros e, finalmente, um outro entendimento que traduz a literatura *queer* como aquela que “perturba as identificações de gênero, ou seja, não está focada na afirmação homo/trans dos seus personagens, mas sim na desconstrução de qualquer rótulo” (NODARI, 2019; p. 38).

Especificamente na América do Sul, como bem observa Nordari (2019; p. 38), identificamos três formas com que a literatura *queer* foi entendida: como aquela que desequilibra as representações hegemônicas das identidades sexuais e se opõe às tradições seletivas; literatura *queer* como nome dado à literatura escrita por autores homossexuais e, por fim, como textos que subvertem o sujeito literário e são distribuídos de forma marginal.

### 2.3 CONSIDERAÇÕES BIOBIBLIOGRÁFICAS SOBRE ACHY OBEJAS

Obejas nasceu em Cuba, em 1956, e migrou para os Estados Unidos com seus pais aos seis anos de idade, quando da revolução cubana. Começou sua vida profissional como jornalista em 1981, escrevendo para diversos jornais e revistas do país. Recebeu alguns prêmios, tanto como jornalista tanto como escritora. Além disso, como ativista pelos direitos das pessoas homossexuais, liderou alguns comitês e Conselhos que atuavam na proteção dos direitos dessa parcela da população norte-americana.

Sua carreira literária a levou a lecionar na Universidade de Chicago, na *Roosevelt University*, na *School of the Art Institute of Chicago*, na *Northwestern University* e na *University of Illinois*.

Tem uma trajetória reconhecida e aclamada nos Estados Unidos, o que se confirma pela quantidade de prêmios, nomeações e visibilidade que conquistou, principalmente no meio literário, como escritora e como tradutora, e de ativismo pelos direitos dos homossexuais.

Existem diversos trabalhos acadêmicos/artigos, em inglês, sobre Obejas e suas obras, alguns dos quais, inclusive, foram utilizados como fonte teórica na presente pesquisa. Questões relativas à identidade são assunto recorrente em seus livros, como em *Memory Mambo*, cuja personagem principal é lésbica, e no caso das obras a serem analisadas nesse trabalho – *Days of Awe* e *We came all the way from Cuba so you could dress like this?* e, conseqüentemente, os referidos artigos, assim como o presente trabalho, analisam as respectivas obras em consonância com a realidade, com o empirismo do mundo real, não ficcional.

Os referidos artigos trazem análises acerca das obras da autora, ora comparando-as com outros autores e autoras, ora dissecando determinado texto, no sentido de poder interpretá-los e de subsidiar os leitores de Obejas com informações e detalhes que não caberiam dentro da obra em si. Como exemplo, podemos citar a tese de doutorado intitulada “*Writing Memory: The Latino Community and Continuity in the Writings of Julia Alvarez, Judith Ortiz Cofer, and Achy Obejas*”, escrita por Amrita Das. Nesse trabalho, ela faz um estudo sobre o papel da memória nas narrativas das três escritoras do Caribe hispânico que escrevem nos Estados Unidos e em inglês. Das descreve a função da memória – a qual ela divide entre memória histórica, memória autobiográfica e memória étnica – dentro das narrativas daquelas autoras e, para ela, a memória serve como forma de construir uma identidade étnica coletiva de latinos, no sentido de possibilitar a tais indivíduos uma continuidade de sua comunidade longe de seu país de origem. Nessa tese, sua autora entende que o passado não é apenas um referencial temporal mas também espacial e que são as semelhanças entre os espaços do passado e do presente que criam uma

impressão de continuidade, ou seja, ela pressupõe a existência de dois espaços temporais; aquele dos imigrantes da primeira geração, isto é, aqueles que carregam memórias vividas da terra que deixaram para trás e aqueles considerados de segunda geração, que são os que nasceram ou foram criados nos Estados Unidos, cujas memórias são “emprestadas”, por não tê-las vivenciadas pessoalmente.

As obras de Achy Obejas que são utilizadas na referida tese são o livro *Memory Mambo* (1996) e *Days of Awe* (2001) e, a partir deles, Da procura entender como Achy Obejas trabalha questões identitárias e como a memória coletiva influenciará sua escrita. Os protagonistas de ambos textos são exilados cubanos que moram nos Estados Unidos, mas suas histórias e memórias têm origens diversas; em *Memory Mambo*, as memórias do pai sobre o regime cubano e sobre a CIA são questionadas e em *Days of Awe*, a conexão com Cuba é estabelecida por meio de um aspecto específico da memória étnica, que é a história dos judeus cubanos.

Outra tese de doutorado relevante nesse sentido é a de Inés Patricia Vassos, intitulada “*Hybridizing History, Spirituality and Genre in the Works of Lucha Corpi, Julia Alvarez and Achy Obejas*”. Sua autora compara as obras dessas três escritoras que, embora venham de contextos culturais diversos e usem diferentes gêneros narrativos em seus trabalhos, todas são consideradas como indivíduos “hifenizados”. A partir daí, Vassos examina a forma como as autoras incorporam momentos históricos em suas narrativas, levando em consideração suas histórias individuais.

Já no capítulo “*Days of Awe and the Jewish Experience of a Cuban Exile: The Case of Achy Obejas*”, do livro *Hispanic Caribbean Literature of Migration*, sua autora, Carolyn Wolfenzon, intercala resumos da história do livro e explicações sobre identidade judaica e judaísmo, sem deixar de levar em consideração, obviamente, a herança cubana dos protagonistas.

No artigo “*Queering Family: Achy Obejas’ We came all the way from Cuba so you could dress like this?*”, Sara Cooper analisa o referido conto sob a ótica *queer* e explica que o foco central do conto é a chegada da protagonista, ainda criança, aos Estados Unidos, com seus pais, após terem saído de Cuba e que, de uma forma não linear, a história é narrada ora pela protagonista ainda criança, recém-chegada ao novo país, ora é narrada pela personagem já adulta. Nesse sentido, Obejas faz uma conexão entre exílio, família e o desenvolvimento da identidade sexual da protagonista.

Cooper entende que, assim como muitos exilados de sua geração, a personagem busca por suas identidades, por meio de uma série de questionamentos, como, por exemplo, sobre a ideologia política de seus pais, sobre os papéis de gênero e sobre as presunções automáticas

sobre sua sexualidade (COOPER, 2003; p. 77). Quando a protagonista se veste de forma que vai de encontro à norma estabelecida, ela desafia o sistema – e seus pais – como alguém que escolheu seguir o próprio caminho e acaba mostrando como a presença do *queer* dentro da família – como instituição social – pode ser ao mesmo tempo perturbadora e surpreendente.

Dessa forma, fica nítido que os principais temas trazidos à discussão por quem escreve sobre a obra de Achy Obejas são a diáspora, a memória e as identidades. A presente pesquisa, por sua vez, trará a temática das questões identitárias sob uma ótica diaspórica, utilizando-se de autores e autoras considerados pós-coloniais.

Contudo, no Brasil infelizmente não há praticamente nenhuma pesquisa que tenha nas obras de Obejas o seu objeto de estudo. Existe uma dissertação de mestrado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, escrita em inglês, cujo objetivo era “investigar o papel da memória como forma de desnaturalização da história tradicional e como instrumento importante na articulação de uma política de identidade em *Caramelo*, da autora *chicana* Sandra Cisneros e em *Memory Mambo*, da cubana-americana Achy Obejas”. Também foram achados alguns trabalhos de Leila Assumpção Harris que, embora mencionem Achy Obejas, não estão focados especificamente no mesmo objeto da presente pesquisa.



### 3 SOBRE IDENTIDADES, FRONTEIRAS E DIÁSPORAS

É patente na obra de Achy Obejas seu interesse por questões identitárias, especialmente aquelas que perpassam sua vida. A autora frequentemente se posiciona nesse sentido, referindo-se principalmente às suas identidades cubana-estadunidense, judaica e lésbica. Todas essas identidades aparecem tanto em suas obras como também nas entrevistas que concede.

O conceito de identidade está no centro dos debates acadêmicos e no interesse da vida pública na atualidade. A centralidade deste conceito advém da sua importância no contexto atual dos movimentos sociais centrados na “política da identidade”, como é o caso dos movimentos de defesa dos direitos das minorias étnicas e raciais, religiosas, do meio ambiente e das identidades sexuais e de gênero. A problemática primordial que instiga as discussões sobre o conceito de identidade gira em torno das definições essencialistas ou não-essencialistas deste conceito, pendendo o debate, atualmente, ao menos no meio acadêmico, em favor das concepções identitárias não-essencialistas. Estas concepções não-essencialistas a respeito da identidade advogam em favor não apenas da construção social e cultural das identidades, quer dizer, da negação de qualquer atribuição de essência para as mesmas, como também em favor da instabilidade e mutabilidade das identidades.

As fronteiras identitárias que cruzam e constituem as personagens centrais das obras que serão estudadas neste trabalho serão analisadas à luz do que a escritora feminista lésbica e *chicana* Gloria Anzaldúa chama de pensamento de fronteira, a partir dos conceitos de lócus fraturado, resistência e subjetividade ativa da feminista decolonial María Lugones e de acordo com o que Stuart Hall, um dos mais importantes teóricos da identidade, entende sobre a fluidez da identidade. Com base no conceito de *différance* de Jacques Derrida, Hall afirma que a identidade se constrói a partir da diferença e que seu significado nunca é fixo (HALL, 2012, p. 108). Identidade e diferença são interdependentes e partilham uma característica importante: são o resultado de atos de criação linguísticas, ou seja, não são essenciais, não são elementos que existem por aí e que estão à espera de serem revelados. Ao contrário, são criaturas do mundo social e cultural produzidas por todos nós no contexto das relações sociais e culturais.

Deste modo, a identidade e a diferença não podem ser compreendidas fora do sistema de significação em que adquirem sentido. Contudo, algo que precisa ser enfatizado é que muito mais do que simplesmente definidas, a identidade e a diferença são impostas e disputadas. E o que se disputa é o poder de definir a identidade e de marcar a diferença: em outras palavras, a disputa é pela prerrogativa de dizer qual é (ou quais são) a(s) identidade(s) legítima(s) e quem

é que dela(s) difere(m), ou seja, quem não se enquadra a essa(s) identidade(s). Nessa disputa pela identidade está envolvida também uma disputa mais ampla pelos bens materiais e simbólicos da sociedade, pois a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem os desejos dos diferentes grupos, de garantir o acesso privilegiado aos recursos sociais: “Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora” (SILVA, 2012, p. 82). Quem detém o poder de afirmação da identidade e enunciação da diferença, possui o poder de organizar todo o mundo social a partir de seus interesses de dominação:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é ‘natural’, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. (SILVA, 2012, p. 83).

Quanto mais forte é a norma, menos visível ela é, quer dizer, maior o processo de naturalização e menor é a percepção social das bases sociais de seu poder. Contudo, da mesma forma que a definição da identidade depende da diferença, a definição daquilo que é normal é completamente dependente da definição do que está fora da norma, do que é visto como diferente, particular, anormal. O que é considerável natural e desejável depende daquilo que é considerado abjeto e antinatural. Um não faz sentido sem o outro.

Nesse contexto, Hall (1992) entende que a construção de identidades está intimamente ligada ao significado de cultura nacional, pois esta se caracteriza como um discurso, ou seja, “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. Desta forma, quando uma cultura nacional cria um significado para “nação”, o faz inserindo aí as histórias e memórias que conectem o passado da nação com o seu presente. Daí surge o conceito de “comunidades imaginadas” de Benedict Anderson (1998), ou seja, as diferenças entre as nações são resultado da forma pelas quais estas são imaginadas. Conclui-se então que uma identidade nacional ou senso de pertencimento a uma nação dependerão da forma pelas quais ela é representada. Tais representações podem acontecer por meio das literaturas nacionais, da ideia da primordialidade da identidade nacional

– baseada na continuidade e na intemporalidade da nação –, também por meio de uma tradição inventada, do “mito fundacional” e, ainda, pela ideia de um povo puro, original. Em suma, os conceitos que traduzem uma cultura nacional como uma “comunidade imaginada” são as “memórias do passado, o desejo de viverem em conjunto e a perpetuação da herança.”

A cultura nacional, segundo Hall, seria uma identidade unificadora, ou seja, membros com características diversas uns dos outros são “unificados” pela cultura nacional, criando uma identidade cultural que, por sua vez, anula e subordina tais diferenças culturais. Ocorre que, para o autor, essa cultura nacional é também uma estrutura de poder e, para que haja uma homogeneização dessas identidades, surge a representação da ideia de um “único povo”.

Gloria Anzaldúa e María Lugones, autoras decoloniais, contribuirão muito para o entendimento, a partir de uma posição subalternizada, dos conceitos relativos às identidades, seja de gênero, seja cultural ou racial.

Como autoras decoloniais, elas compreendem o mundo a partir de um processo que propõe a colonialidade como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais, ou seja, entendem o mundo dividido em dois polos opostos e inconciliáveis: colonizadores e colonizados, brancos e negros, homens e mulheres, razão e sentimento, público e privado, sujeito e objeto; e neste sentido, as possibilidades legítimas de ser e de conhecer foram negadas àqueles que pertencem ao segundo grupo (FREITAS, 2020). Como paradigma, a colonialidade normaliza a violência inclusive fora das fronteiras das colônias e ex-colônias: “os próprios sujeitos colonizados são percebidos como razão final para tal violência. Espera-se que eles demonstrem que não são a fonte da violência ao adotar os costumes e os modos de pensar dos colonizadores” (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 39-40), ou seja, enquanto colonizados, aqueles indivíduos devem se adequar aos modos e costumes do colonizador, que detém o paradigma da forma correta de viver e agir.

Como afirma Lugones, o processo de desumanização das/dos colonizadas(os) que o sistema moderno/colonial de gênero (2014a; 2014b) criou, nega aos corpos não brancos do território americano colonizado o reconhecimento de sua condição de humanidade, ou seja, as fêmeas não brancas colonizadas não são vistas como mulheres: segundo ela, “mulher colonizada” é uma categoria vazia: nenhuma mulher é colonizada; nenhuma fêmea colonizada é mulher” (LUGONES, 2014a, p. 939). Para ela, a própria definição do que é ser mulher só pode ocorrer devido à “existência de fêmeas humanas que não foram reconhecidas socialmente como mulheres durante o colonialismo e que continuam não sendo reconhecidas agora, sob o sistema moderno/colonial de gênero” (FREITAS, 2020).

Essa desumanização englobou todos os seres humanos colonizados, classificados em graus distintos de desumanização de acordo com a classificação racial e de gênero (FREITAS, 2020). Assim LUGONES (2014a, p. 936) afirma que

Eu compreendo a hierarquia dicotômica entre o humano e o não humano como a dicotomia central da modernidade colonial. Começando com a colonização das Américas e do Caribe, uma distinção dicotômica, hierárquica entre humano e não humano foi imposta sobre os/as colonizados/as a serviço do homem ocidental. Ela veio acompanhada por outras distinções hierárquicas dicotômicas, incluindo aquela entre homens e mulheres. Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/ agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. (LUGONES, 2014a, p. 936)

Dessa forma, retomando o conceito de consciência mestiça de Anzaldúa, a filósofa decolonial María Lugones propõe um pensamento feminista “onde a liminaridade da fronteira é um solo, um espaço” e “não apenas uma repetição de hierarquias dicotômicas entre o humano e o não humano (LUGONES, 2014a, p. 947). Para Lugones (2014a, p. 946), a única possibilidade para aqueles e aquelas que estão localizados nesta fronteira, nesta fratura epistemológica, é habitá-la plenamente. A proposta de descolonização de Lugones é pensada e construída a partir do lócus fraturado, que é essa fronteira epistemológica onde habitam os sujeitos colonizados, como é o caso das próprias autoras. Lugones também possui uma concepção de identidade que questiona a ideia de sujeito como unificado: “Eu entendo cada

pessoa como muitas” (LUGONES, 2003, p. 57, tradução minha)<sup>16</sup>. Sua concepção de identidade se baseia na experiência de sujeitos plurais que são produzidos em realidades sociais perpassadas por racismos etnocêntricos que constroem hierarquias culturais que elegem uma cultura como dominante e outras como subordinadas (LUGONES, 2003). Esses sujeitos se encontram no limiar entre essas culturas ou como afirma Anzaldúa, na fronteira. Essa posição fronteiriça é marcada por uma produção muito rica de sentidos e significados que desafiam a lógica dicotômica e hierárquica da modernidade colonial. Habitar o lócus fraturado é ser perpassada por inúmeras lógicas culturais em tensão criativa, diferentes entre si, semelhantes apenas em sua oposição à lógica de opressão do capitalismo colonial/moderno. Em outras palavras, são muitas as formas de desumanização dos diferentes indivíduos e grupos interseccionados por categorias raciais, religiosas e de gênero, por exemplo, no território americano, mas como afirma a antropóloga Lélia Gonzales (2019), o sistema de dominação é o mesmo. Inclusive, mesmo sem conhecer a trajetória de vida de Gloria Anzaldúa, que deixa claro suas origens quando menciona que cresceu entre duas culturas: a mexicana (com uma forte influência indígena) e a anglo (como membro de um povo colonizado em seu próprio território). Seu leitor vivenciará, durante a leitura de sua obra, as cenas de sua vida pessoal e, ao mesmo tempo, sua exposição com a imagem de chicana, que traz para mais perto a ideia coletiva da identidade mestiça. Em *Borderlands*, por exemplo, a autora faz um trabalho identitário e fala sobre identidades, além de falar de sua própria identidade. Portanto, a presença da subjetividade múltipla de Anzaldúa na obra em referência, concretiza esse livro como um dos caminhos para compreendermos sua identidade, atuando, ao mesmo tempo, em vários lugares de identificação. *Borderlands* é um lugar teórico representativo de várias identidades de fronteiras e não somente do lugar identitário de Anzaldúa.

O sistema de dominação colonial/moderno é descrito por Lugones pelo conceito de sistema moderno/colonial de gênero, que traz uma grande contribuição para o pensamento decolonial na medida em que sofisticava o conceito de colonialidade do poder, do sociólogo peruano Aníbal Quijano, central para o referido campo de estudos. Quijano (2005; p. 118) defende que a colonialidade do poder se funda na articulação de todas as formas de controle do trabalho e na imposição da ideia de “raça” como o fundamento de uma classificação social e de dominação social da população mundial. Para Lugones, o gênero também é, como a raça, uma construção colonial. O conceito de Lugones agrega o gênero como o outro elemento essencial do processo de desumanização e subalternização dos povos colonizados da América. Esse

---

<sup>16</sup>“I understand each person as many”.

processo é produzido pelo padrão de poder capitalista mundial, que se constitui como um padrão de vocação global com a colonização da América e permanece até hoje.

Quijano entende que os processos de classificação social estão intimamente ligados ao poder na sociedade, pois se referem aos lugares que indivíduos e grupos sociais ocupam. Tais classificações são produtos de construções históricas que, apoiadas nas relações sociais, são naturalizadas no processo de manutenção e de reprodução do poder. Considerando essa acepção mais abrangente, é que, em uma dimensão mais restrita, o autor irá compreender a noção de classificação racial da população mundial.

Para o autor, é a partir da conquista da América que trabalho, raça e gênero se articulam como eixos principais na classificação social do novo padrão mundial de poder.

Nesse contexto, as diferenças fenotípicas são utilizadas para diferenciar conquistados e conquistadores, europeus e não europeus e, dessa forma, estabelece uma relação de superioridade/inferioridade baseada nas distinções biológicas. Nasce, nesse momento, identidades sociais homogeneizantes até então inexistentes, como índio, negro, mestiço. Ou seja, culturas tiveram suas diferenças e peculiaridades reduzidas a um único termo, a uma única categoria social. E, aos poucos, tais identidades sociais criadas a partir de uma classificação racial passam a se associar ao lugar que esses grupos passam a ocupar na divisão do trabalho, ou seja, índios estarão associados à servidão, negros à escravidão e o europeu ao trabalho assalariado, vinculando-se, dessa forma, o trabalho não pago às “raças” dominadas, a partir daquele momento consideradas inferiores.

Como continuidade desse mesmo processo, os territórios foram sendo classificados de acordo com a posição “racial” de seus habitantes. Daí surge a assimetria de poder entre Europa, América, África e Ásia e a naturalização, que vigora até hoje no imaginário social de que essas identidades geográficas são resultado de uma expressão da natureza e não da história de poder mundial. Portanto, é a partir da ideia de raça que as relações de poder que hierarquizam lugares e pessoas, levando em consideração a sua “evolução” e “desenvolvimento social”, se assentam (PORTO-GONÇALVES; QUENTAL, 2011)

A fim de demarcar o que significa o processo de colonização para os povos que sofrem seus efeitos, podemos afirmar que é a partir da colonização da América que o sistema capitalista atinge um alcance mundial, operando a partir de uma forma de dominação e exploração que se articula em quatro eixos centrais, segundo o filósofo peruano Aníbal Quijano:

- 1) a colonialidade do poder, isto é, a ideia de “raça” como fundamento do padrão universal de classificação social básica e de

dominação social; 2) o capitalismo, como padrão universal de exploração social; 3) o Estado como forma central universal de controle da autoridade coletiva e o moderno Estado-nação como sua variante hegemônica; 4) o eurocentrismo como forma hegemônica de controle da intersubjetividade, em particular no modo de produzir conhecimento (QUIJANO, 2002, p. 4).

María Lugones, indo ao encontro de Quijano, entende que a análise deste autor “fornece-nos uma compreensão histórica da inseparabilidade da racialização e da exploração capitalista como constitutiva do sistema de poder capitalista que se ancorou na colonização das Américas”, porém acrescenta ao pensamento de Quijano, o gênero e a raça como componentes fundamentais no processo de subalternização dos povos não brancos colonizados do território americano produzido pelo sistema capitalista colonial/moderno (FREITAS, 2020).

Ao usar o termo “colonialidade”, Lugones tenciona nomear um processo de redução ativa das pessoas, uma desumanização e um processo de sujeitificação que torna o colonizado menos do que seres humanos (LUGONES, 2014a, p. 939). Ou seja, o processo de colonização gerou um processo de desumanização dos povos colonizados, e negou aos corpos não brancos, não europeus, seu reconhecimento como humanizados. As mulheres colonizadas, por exemplo, tornaram-se uma categoria não existente, pois “nenhuma mulher é colonizada” e “nenhuma fêmea colonizada é mulher”. Ou seja, a definição do que significava ser mulher, segundo Lugones, só ocorre pela existência das “fêmeas humanas”, não reconhecidas em sua humanidade durante o período colonial e que continuam não sendo agora, sob o sistema moderno/ colonial de gênero.

A autora entende que existe uma hierarquia dicotômica entre humano e não humano que é central na modernidade colonial. Tal dicotomia foi imposta sobre os/as colonizados(as) das Américas e Caribe. Só os civilizados são homens ou mulheres. Segundo Lugones, “os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens.” (LUGONES, 2014a, p. 936)

Assim, ainda que a colonização nas Américas tenha sido marcada por uma série de especificidades econômicas, linguísticas, étnicas, culturais, etc. que construíram uma enorme diversidade cultural nesse grande território, a autora aponta que o sistema moderno/colonial de gênero que opera em nossas sociedades produz uma opressão comum que recai sobre todas as sociedades latino-americanas e caribenhas. É ele quem garante a manutenção de um sistema

opressor que recai principalmente sobre aqueles indivíduos subalternizados, cujo reconhecimento de sua humanidade lhes é suprimido simplesmente por seu enquadramento racial, étnico e de gênero.

Desta forma, é no violento processo de dominação e exploração da América, que se encontra um dos principais fatores da profunda transformação que o cenário mundial do final do século XV e início do século XVI: o extermínio de populações inteiras, a escravidão, a servidão, a (des)possessão de terras e a exploração das riquezas naturais, encontram-se nos fundamentos das relações sociais e de poder que instituem América, Europa e o mundo moderno que passa a ser erguido a partir de então.

As identidades de Achy Obejas são também tema recorrente nas entrevistas que concede. A seguir, encontram-se exemplos do que Obejas já falou sobre tais identidades em entrevistas concedidas em momentos diversos de sua vida: sobre ser uma imigrante cubana nos Estados Unidos, ela compreende que há uma diferença da imigração de Cuba para os Estados Unidos no século 20, pois havia a ideia de que aquele era o final da jornada, já que a maioria daqueles que imigravam nunca imaginavam retornar para seus países de origem nem mesmo para visitar, tanto por causa das grandes distâncias como também pelos custos que eram bastante altos. Além disso, muitos imigrantes tinham a ideia de se tornarem estadunidenses e por causa disso, muitos, voluntariamente, abriram mão de sua língua e cultura assim que chegaram aos Estados Unidos. Hoje em dia, ela diz, a tecnologia encurtou distâncias e custos, permitindo uma maior intimidade com sua pátria natal e, conseqüentemente, uma vida concomitante em outro lugar, o que, dependendo das circunstâncias pessoais, pode determinar quantas identidades nacionais alguém pode querer ter<sup>17</sup>.

Exatamente por estar posicionada na fronteira entre tantas identidades, Achy Obejas não pode ser reduzida a nenhuma identidade particular; ela é por si só uma pluralidade, fruto de uma colisão cultural (ANZALDÚA, 2005; p.705) que produz uma ruptura consciente com todas as tradições opressivas de todas as culturas e religiões. Fica no limiar das identidades ditas dominantes, posto que, embora lesbica, é mulher cisgênero e, embora latina nos Estados Unidos, pode ser lida como branca. Estar/ser/pertencer a grupos considerados subalternizados é o que conduz a escrita de Achy Obejas e o que a permite perpassar de forma verossímil as situações descritas em cada um de seus textos. A riqueza de sua literatura nos convida a experimentar a complexidade que é existir na fronteira, resistir na fronteira, com seus desconfortos, suas dores, mas também com uma grande criatividade e riqueza crítica.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.originsjournal.com/interviews-obejas>. Acesso em: 9 set 2021.



Como afirma a socióloga feminista Patricia Hill Collins, a posição de marginalidade social, apesar de ser geralmente uma experiência dolorosa, pode também ser um estímulo à criatividade, desempenhando uma contribuição essencial para o desenvolvimento das disciplinas acadêmicas e, podemos complementar, para as produções artísticas e qualquer outra forma de produção de conhecimento: “Como *outsiders within*, estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo” (COLLINS, 2016, p. 101). Assim, a autora aponta como o pensamento feminista negro pode construir categorias de percepção e de apreciação complexas e potencialmente transformadoras das relações de poder. Collins ressalta que trazer a literatura multidisciplinar produzida por esses sujeitos marginais, como é o caso das mulheres negras, para o centro da análise é fundamental pois “pode revelar aspectos da realidade obscurecidos por abordagens mais ortodoxas” (COLLINS, 2016, p. 101).

### 3.1 A GLOBALIZAÇÃO E SEU PAPEL NA CONSOLIDAÇÃO DAS IDENTIDADES

A globalização, caracterizada como um complexo sistema mundial, onde há estreita interação de fatores econômicos e culturais, associado a um grande fluxo migratório, é responsável pela forte produção, circulação e consumo de bens. Tal configuração mundial faz emergir uma construção das identidades que decorrem das relações de poder - econômico, político ou simbólico - que diferenciam, numa lógica de desigualdade, dominantes de dominados, maiorias étnicas nacionais de imigrantes e minorias étnicas formadas no contexto das *host-societies*.

Pode-se dizer, portanto, que a cultura nacional molda a identidade do indivíduo, dá sentido à sua experiência de vida e torna possível optar, entre as várias identidades possíveis, que vai se construindo aos poucos e se transformando ao longo da existência do indivíduo. Esse processo, contudo, é tanto individual quanto social.

Para um melhor entendimento do que vimos falando, devemos nos situar quanto a outro conceito: etnia. Para Stuart Hall, “a etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais - língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ - que são partilhadas por um povo” (Hall, 2006, p. 62). Portanto, podemos considerar a identidade étnica como algo que se vai construindo e, principalmente, resistindo ao longo do tempo, competindo com a cultura da sociedade anfitriã e assim, adquirindo seu significado de pertencimento étnico e singularidades cultural e religiosa.

Nesse contexto, Hall (2006, p. 17) defende que as sociedades modernas – e, consequentemente, os sujeitos que as compõem – estão sendo “descentradas”, ou seja, deslocadas ou fragmentadas, e atribui isso aos processos de globalização. Seu pensamento vai de encontro ao discurso nacionalista, que advoga uma unidade nacional e desconsidera a diversidade dos membros de uma nação seja em termos de classe, gênero ou etnia. Os Estados Unidos, por exemplo, estabelecem noções culturais que se voltam quase que exclusivamente à cultura WASP (White, Anglo Saxon and Protestant) ignorando, assim, a heterogeneidade que compõe seu território e, nessa diversidade étnica, encontram-se os “latinos”, ou seja, aqueles indivíduos nascidos e/ou criados nos Estados Unidos, de ascendência latino-americana. (FERREIRA; OLIVEIRA, 2018).

Em seus entendimentos sobre os processos diaspóricos, Stuart Hall (2003, p. 26) traz o conceito de “famílias ampliadas”, que seria a capacidade daqueles que se encontram em situação de diáspora, mantenham fortes laços com sua terra de origem. Segundo ele, o sentimento de pertencimento a essa terra de origem origina um sentimento de “identificação associativa”, sentimento esse que permaneceria intacto até as segundas e terceiras gerações de imigrantes.

A identificação associativa do sujeito diaspórico descrito por Hall (2003), entretanto, não fica adstrita somente ao país de origem, pois ele entende que, em situação diaspórica, o sujeito cria outros laços, construções de identidades que não necessariamente estão relacionadas ao país de origem do sujeito, mas com uma identidade diaspórica, algo que une grupos minoritários, que vieram de regiões que compartilham alguma semelhança, como os povos do Caribe e os latinos que, imigrantes nos Estados Unidos, compartilham, muitas vezes, não só o idioma, mas também as mesmas angústias e motivos que os fizeram imigrar, as semelhanças entre seus países de origem e as privações que a situação de imigrante oferece àqueles nessa situação (SOUZA, 2018, p. 32).

Cabe aqui voltar à entrevista concedida por Achy Obejas, na qual lhe perguntam se ela se reconhece como latina tanto quanto como cubana. Obejas então responde que se sente, na maior parte das vezes, como latina, mas que, como convive em Chicago com subgrupos latinos, isso a leva a uma interculturalidade na qual a nacionalidade do indivíduo deixa de ser algo tão relevante.

Esse encontro de etnias latinas nos Estados Unidos é o responsável pela construção de uma latinidade complexa, que inclui elementos das identidades anteriores dos imigrantes e especificidades nacionais, como lealdades subnacionais, regionais e locais, além de divisões ideológicas e religiosas que acabam gerando conflitos quando confrontadas entre si. A

formação da identidade latina sofre grande influência do contexto regional onde ela acontece e do grupo nacional ou étnico que controla, naquele território, os sistemas midiáticos e simbólicos. Um exemplo disso é a programação das estações de rádio e redes de televisão que transmitem em espanhol; em geral, elas não refletem a heterogeneidade cultural dos latinos, tendo em vista que grupos étnicos como equatorianos e nicaraguenses que lutam por representatividade perante a hegemonia de cubanos e mexicanos nesses meios de comunicação.

Porém, em algumas cidades, como Nova York, não existe um grupo dominante, mas sim um intercâmbio cultural que se reflete na comida, música, moda e em outros aspectos culturais. Inclusive, essas expressões do cotidiano colocam-se como alternativas à hegemonia norte-americana<sup>18</sup>.

### 3.2 A DIÁSPORA CUBANA

O conceito de diáspora, historicamente associado ao povo judeu e suas sucessivas migrações, ao êxodo grego e armênio e à escravização de povos africanos que eram obrigados a migrarem, está etimologicamente ligado à ideia de dispersão. Atualmente, com um significado mais abrangente, é entendido por um enfoque transnacional da cultura, ou seja, descarta a imagem convencional da diáspora como “despojos culturais, como vitimização do sujeito diaspórico, ou como absorção total da comunidade diaspórica pela sociedade anfitriã” (GONZÁLEZ, 2015, p. 92). Importante ressaltar também que o desejo de retorno ao lar não necessariamente significa o desejo por uma pátria.

Avtar Brah (2011, p. 213) entende que os processos de formação de cada diáspora são diversos, pois podem advir de conquista e colonização, também pela captura de um povo e seu traslado para outro lugar num processo de escravização, pela perseguição e expulsão de um povo ou, até mesmo por conflitos políticos. Afirmar ainda que a análise das circunstâncias das chegadas é tão importante quanto às de partida, pois é necessário que se saiba como vai acontecer a introdução das relações sociais de classe, gênero, raça e sexualidade dentro das sociedades de chegada. A forma como se dará a inserção demarcará como cada grupo em processo diaspórico será posicionado no contexto social de seu novo lar.

Por sua vez, a diáspora cubana pode ser dividida por “ondas” ou fases. O século 19 foi marcado por uma notável quantidade de migrações para os Estados Unidos, principalmente

---

<sup>18</sup> Disponível em: <http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/l/latino-americanos-nos-estados-unidos>. Acesso em: 18 jul 2022.

quando dos conflitos como a guerra dos dez dias, entre 1868 e 1878 e depois pela guerra hispano-americana, entre 1895 e 1898. O êxodo continuou durante o século 20 e, entre 1959 e 1962, período conhecido como “*golden exile*”, pois a maior parte dos refugiados que saíam da ilha era de um estrato social mais alto da sociedade cubana que, a partir daquele momento, via sua permanência na ilha totalmente inviabilizada pela revolução cubana. E conforme a revolução ia se radicalizando, outras ondas diaspóricas surgiram, dessa vez lideradas pela classe média e baixa da sociedade cubana (DUANY, 1999).

A deterioração das relações entre Cuba e os Estados Unidos, assim como das condições sociais e econômicas da ilha produziu uma comunidade de exilados bastante heterogênea, levando em consideração as origens social, econômica e política da cada vez mais elevado número de exilados que adotavam o vizinho ao norte como destino.

Dois episódios em especial deixaram evidente a diversidade cada vez maior entre os refugiados: os “*freedom flights*” – voos que transportavam cubanos para Miami, duas vezes por dia, cinco vezes por semana, que aconteceram entre 1965 e 1973 - e o episódio no porto *Maríel* – para onde exilados já residentes nos Estados Unidos voltaram, a fim de buscar seus parentes que haviam permanecido na ilha, com a anuência do governo cubano, mas, ao contrário do que havia sido prometido pelo governo, aqueles que foram buscar seus parentes, acabaram sendo obrigados a levar consigo pessoas com as quais não tinham qualquer relação, principalmente prisioneiros e pessoas que haviam estado internadas em instituições de doentes mentais - o que levou, portanto, a um crescente aumento da diversidade cultural, social, econômica e política entre os “antigos” e os “novos” refugiados, por sua vez chamados de *marielitos* e *balseros*.

Muitos dos exilados que chegaram aos Estados Unidos ainda crianças e tornaram-se adultos criados na cultura norte-americana, ou seja, falam inglês, às vezes como primeiro idioma e que nunca pensaram em voltar a Cuba. Dessas crianças, criadas e educadas nos Estados Unidos, algumas se tornaram artistas, escritoras, musicistas. Nesse sentido, existe um entendimento de que a cultura cubana é excepcional e única. Esse pensamento, talvez tenha surgido de um sentimento nacionalista e até mesmo arrogante, presente dentro e fora da ilha, como se os cubano-americanos não se identificassem com outros latinos, mas sim com os espanhóis e com os estadunidenses.

De qualquer forma, essa “singularidade” não é unânime entre os imigrantes. Os *marielitos* e os *balseros*, ou seja, os migrantes mais recentes, que começaram a chegar aos Estados Unidos na década de 1990, foram discriminados e sofreram racismo até mesmo dentro da própria comunidade cubana e por isso não pensam da mesma forma quanto a essa tal singularidade da cultura cubana.

Esses fenômenos podem ser decorrentes da nostalgia cultivada por esses indivíduos, como forma de criar conexão com suas raízes culturais, se conectar com uma glória do passado, a uma Cuba da qual estavam longe e para onde queriam voltar (TUMA, 2017, p. 42).

O pai de Achy Obejas, por exemplo, parece ser um desses casos. A autora, em entrevista à rádio KGOU<sup>19</sup>, de Oklahoma, disse que ele proibia completamente o uso da língua inglesa dentro de casa, para que, quando voltassem para Cuba, Achy e seu irmão não tivessem problemas para se comunicar em espanhol. Essa atitude do pai gerava conflito entre ele e os filhos que, por sua vez, não tinham expectativas de um dia voltarem a viver em Cuba. Mas, também por causa dessa preservação cultural de seu pai, que quis que ela aprendesse a ler e escrever em espanhol, Obejas pode entrar em contato com a obra de José Martí, considerado um herói nacional e também visto como o poeta de Cuba. E por causa de suas poesias, ela passou a escrever e ganhar prêmios de poesia.

E exatamente por ter crescido como uma criança em exílio, tudo o que Obejas ouvia de seus pais, lhe era bastante significativo. Tanto que, ela conta<sup>20</sup>, ao ir estudar no México, por conta de um intercâmbio, e viu uma pessoa vestindo uma camiseta com a imagem de Che Guevara, ficou parada em choque esperando por uma reação da multidão, já que lhe parecia impossível que algo tão importante – como a imagem de Che em uma camiseta - não fosse causar qualquer reação em alguém. E se perguntava como algo tão significativo e fonte de tanta angústia para sua família quanto a Revolução Cubana, poderia ser algo tão banal para os outros, que a camiseta com o rosto de Che passasse despercebidamente por todos.

Obejas, em entrevista para a Universidade de Porto Rico, faz uma análise sobre o lugar da literatura caribenha de diáspora e começa dizendo que considerar a literatura cubana, por exemplo, como só a que vêm de dentro da ilha é um erro, pois muitos dos(as) escritores(as) estão fora, começando por José Martí e que usar esses padrões de ilha literal, da ilha física, é impossível. Outra coisa que também mudou com o tempo é a afirmação de que a literatura cubana tenha que ser necessariamente escrita em espanhol. Essa ideia não cabe mais na diáspora cubana, pois ela se tornou algo muito maior e que foi mais adiante do que os lugares históricos de diáspora, ou seja, ela passou os limites dos Estados Unidos e chegou a outras partes do mundo, como a Europa<sup>21</sup>.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.kgou.org/world/2018-02-16/achy-obejas-on-cuba-rupture-and-literature>. Acesso em: 04 out 2021.

<sup>20</sup> Artigo de Achy Obejas no site *inthesetimes.com*. Disponível em: <https://inthesetimes.com/article/inside-cuba-voices-from-the-island>.

<sup>21</sup> “Tráfico cubano: Achy Oejas re-escribe la diáspora.” (Entrevista por Katherine Miranda). Sargasso 2010-11, Special Issue (pg. 105-113).



## 4 ACHY OBEJAS: IDENTIDADES E LITERATURA EM TRÂNSITO

Muito se fala sobre importância do estudo das identidades e percebemos o quanto importante é, de fato, criarmos material sobre essa temática. Portanto, trazer esses estudos por meio de análises de obras literárias favorece tanto o campo literário como o das Ciências Sociais, uma vez que ambas as disciplinas podem ser complementares uma à outra. Essa interdisciplinaridade não só traz um novo olhar sobre temas até então desenvolvidos de forma mais teórica, ilustrando de forma prática o pensamento teórico, mas também desenvolve um olhar mais crítico na literatura, permitindo que leitores e leitoras consigam perceber o que está nas entrelinhas daquela obra, além da própria narrativa.

Entendo que o conto de Achy Obejas, mais do que uma obra literária, é um “relato” sociológico. Não há como pensar a história que ela narra apenas como fruto da criatividade de uma escritora experiente, mormente quando temos ciência da história de sua vida. Mas, para além das vivências romanceadas da escritora, lemos na obra, as percepções da personagem, fruto de uma construção identitária bastante similar à da autora. Por isso, e como já discutido anteriormente neste trabalho, entendo essa obra de Obejas quase como um relato autobiográfico, e conseqüentemente, repleto de idiossincrasias que possam, de alguma forma, construir um paralelo com Obejas.

Assim, dando continuidade à análise do conto, entendemos que é necessário nos debruçarmos sobre trechos do texto, de modo a destacar o que se demonstra analisável sob um olhar teórico.

### 4.1 A IDENTIDADE EM WE CAME ALL THE WAY FROM CUBA SO YOU COULD DRESS LIKE THIS?

“*We came all the way from Cuba so you could dress like this?*” é mais que um título longo para um conto ou um livro, mas trata-se do questionamento que o pai da protagonista faz quando ela volta para casa num dia de Ação de Graças, em 1971, vestindo roupas que, afinal, representavam a contracultura da época. Em sua integralidade, o trecho no qual essa pergunta está inserida é o seguinte:

Em 1971, eu virei da Universidade de Indiana, onde tenho uma bolsa para estudar optometria, para passar o dia de Ação de Graças em

casa. Será a primeira vez em meses que eu não terei nenhum protesto antiguerra para ir, nenhuma participação na conscientização sobre alguma causa nem nenhum encontro para a liberação gay para liderar.

Alaba'o, eu quase não te reconheci, dirá minha mãe, puxando as franjas da minha jaqueta de camurça enquanto prometia consertar os buracos na minha calça jeans boca-de-sino. Meu suéter verde estará em algum lugar no armário do meu quarto na casa deles.

Nós saímos de Cuba para você se vestir assim? meu pai perguntará sobre os ombros da minha mãe.

E pela primeira e única vez na minha vida, eu direi, Olha, você não veio por mim, você veio por você mesmo; você veio porque todos seus clientes ricos estavam indo embora e você ia acabar como caixa na loja de ferramentas/ferragens do seu pai se não fosse embora, okay?

Meu pai, que trabalha em um banco agora, arfava – ¿Qué, qué? – e dá um passo para trás. E minha mãe dirá, Por favor, não fale com seu pai assim.

E eu direi, Esse é um país livre, eu posso fazer o que quiser, lembra? Meu Deus, ele só foi embora porque Fidel o derrotou naquela competição estúpida de natação quando eles eram crianças.

E então meu pai, por cima dos ombros magros da minha mãe, me agarra pela minha bandana vermelha em volta do meu pescoço e me joga no chão, me chuta sem parar, até que eu lembre somente da voz da minha mãe implorando, Por favor, pare, por favor, por favor, por favor pare.<sup>22</sup>(tradução minha)

Não se pode olvidar, dentro dessa discussão acerca das identidades, da importância do papel da memória, tanto individual como coletiva, na obra e na vida da autora e, ao elencar os elementos constitutivos da memória, Michel Pollack (1992) enumera os acontecimentos vividos pessoalmente e aqueles "vividos por tabela", ou seja, no caso dos exilados cubanos nos Estados Unidos, seriam aqueles acontecimentos vividos pela comunidade cubana, dos quais não necessariamente o indivíduo tenha participado, mas que acabaram se tornando algo indissociável da sua história, tamanho relevo que tomou naquele grupo. Pollack ainda aponta

---

<sup>22</sup> "In 1971 I'll come home for Thanksgiving from Indiana University where I have a scholarship to study optometry. It'll be the first time in months I'll be without antiwar demonstration to go to, a consciousness-raising group to attend, or a Gay Liberation meeting to lead. Alaba'o, I almost didn't recognize you, my mother will say, pulling on the fringes of my suede jacket, promising to mend the holes in my floor-sweeping bell-bottom jeans. My green sweater will be somewhere in the closet of my bed? room in their house. We left Cuba so you could dress like this? My father will ask over my mother's shoulder. And for the first and only time in my life, I'll say, Look, you didn't come for me, you came for you; you came because all your rich clients were leaving, and you were going to wind up a cashier in your father's hardware store if you didn't leave, okay? My father, who works in a bank now, will gasp??Qu? qu???and step back a bit. And my mother will say, Please, don't talk to your father like that. And I'll say, It's a free country, I can do anything I want, remember? Christ, he only left because Fidel beat him in that stupid swimming race When they were little. And then my father will reach over my mother's thin shoulders, grab me by the red bandanna around my neck, and throw me to the floor, where he'll kick me over and over until all I remember is my mother's voice pleading, Please stop, please, please, please stop."



um fenômeno de identificação daquele grupo com determinado passado, que não viveram, mas que é projetado no imaginário da comunidade como uma memória herdada.

No caso da literatura de Achy Obejas – e também de sua vida – não há como deixar de mencionar a situação social e geopolítica pela qual passaram as personagens e a própria autora. Transformaram-se em exilados, ou seja, foram despojados de seu país de origem o que, por si só, acarreta mudanças na subjetividade do indivíduo que nem ele sabe que existem. Em sua maioria, passam a viver em comunidades étnicas, grupos excluídos da sociedade em geral. E a continuidade de uma comunidade étnica é baseada nas memórias coletivas de um grupo, que criam uma história moderna que, diferentemente das histórias tradicionais, não necessariamente se baseiam em provas ou fatos, mas sim em histórias e memórias individuais de cada membro da comunidade. A veracidade dos fatos pode até ser questionada, mas nenhuma história “oficial”, até hoje, nos proporcionou uma história completa e justa. Sempre haverá diversas histórias assim como sempre haverá diversas memórias que nos contarão versões diferentes dos fatos.

A memória individual é parte integral do processo de reconstrução da comunidade (DAS, 1995), mas só quando as lembranças saem do plano individual e vão para o plano coletivo, por meio da validação da comunidade. A memória coletiva não tem um autor ou autora em especial, ou seja, ela é parte do inconsciente da comunidade e promove um senso de solidariedade dentro do grupo e sua construção é um processo político. O entendimento da agência desse processo é essencial, como no caso, por exemplo, das comunidades latinas nos Estados Unidos, pois é importante identificar quem compõe esses grupos sociais, especialmente em seus aspectos socioeconômicos, étnicos e de gênero. Este último é a chave para, por exemplo, reconhecer quem fala por quem, isto é, se quem representa aquele grupo, o faz de forma coletiva.

Além disso, para entender a agenda da comunidade para lidar com sua própria realidade, é crucial saber o que é lembrado e o que é esquecido, ou seja, que tipo de memória permanece com o grupo. Esse entendimento pode ser considerado como a própria criação do grupo étnico, pois esboça uma comunidade em termos de origens, crenças, comportamentos, experiências e memórias.

Retomando, então, a análise sobre Achy Obejas e sua obra, em entrevista ao site *selfmediagroup.com* (2017), cujo tema era seu livro *Days of Awe*, ela fala sobre a importância do papel da memória em sua obra e que entende que tanto entre os judeus como entre os cubanos, a memória é fundamental. Àqueles, memória significa história e lição moral. Lembrar é essencial para que se curem do passado. A esses, a memória é algo crucial, mesmo que, como

povo, os cubanos não tenham uma história muito longa. Identifica algo em comum entre os judeus bíblicos e os cubanos exilados: uma relação rompida com sua pátria. Na mesma entrevista, lhe perguntam como ela se sente quando a chamam de latina e se ela se reconhece assim ou apenas como cubana. Obejas então responde que se sente, na maior parte das vezes, como latina, mas que, como vive em Chicago, convive com diversos subgrupos latinos, fato que, embora deixe a cidade bastante compartimentada, a leva a uma interculturalidade na qual a nacionalidade do indivíduo deixa de ser algo tão relevante

#### 4.2 RESISTÊNCIAS E EXISTÊNCIA

Achy Obejas, por sua vez, traz para a superfície, por meio de sua protagonista do conto, um olhar questionador e rebelde que desafia e resiste aos discursos institucionalizados, engessados e discriminatórios da lógica desumanizante da colonialidade imposta pelo capitalismo moderno que, ao lhe atribuir a identidade “latina”, a estereotipa e a coloca numa posição bem demarcada, inferiorizada, o que vai ao encontro da ideia de resistência de Lugones e da rebeldia que constitui a consciência mestiça, de como ela se caracteriza por se negar a aceitar ordens de autoridades externas, que odeia todo tipo de restrições, inclusive as autoimpostas (ANZALDÚA, 2004; p. 72). Agindo dessa maneira, a protagonista de Obejas não apenas reage à esta demarcação identitária subalternizante da colonialidade, mas resiste a ela. A rebeldia e a resistência à lógica desumanizante da personagem também se expressam em seu esforço em recusar a compreensão idealizada e essencialista que seus pais possuem da cultura cubana, reificada, monolítica e idealizada na Cuba que deixaram para trás (COOPER, 2003; p. 83). Se expressam, por fim, também em sua recusa em se identificar com as projeções que eles fazem para o seu futuro, projeções que misturam essas romantizações da cultura cubana com a busca ansiosa de que a filha possa se inserir de forma bem sucedida na sociedade estadunidense, mesmo quando essa inserção signifique a produção de novas diferenças, como a desumanização e exploração de outras identidades subalternizadas, como é o caso a haitiana ilegal mencionada na passagem a seguir:

Meu pai sonha que, nos Estados Unidos, serei: uma advogada e depois uma juíza num sistema judiciário sério e justo. Não que ele realmente acredite na democracia – na verdade ele abertamente duvida da vontade popular – mas anseia pelo poder e prestígio que essa carreira pode trazer e que ele mesmo não tem como alcançar agora que estamos aqui, então ele projeta tudo em mim.

[...]

Minha mãe sonha que, nos Estados Unidos, serei: dona de vários eletrodomésticos e de um quintal perfeito; mãe de duas crianças travessas; esposa de um jovem e bonito homem norte-americano que toma Pepsi no café da manhã; uma profissional, num emprego bem pago numa TV local.

Minha mãe me imagina lendo as notícias na TV às quatro e estando em casa para o jantar às seis. Ela não acha que eu vá cozinhar, mas que eu supervisione a haitiana ilegal que contratamos para que cozinhasse para nós. Ela me enxerga como uma mulher realizada assim como ela acha que também é.<sup>23</sup> **(tradução minha)**

A segunda geração de imigrantes, da qual fazem parte a autora e sua protagonista, vê suas vidas acontecendo de fato no país adotado como lar e, conseqüentemente, acabam tendo sua identidade formada dentro da cultura dominante. Ocorre que nem sempre adaptação à cultura dominante é simples, tendo em vista as diferenças culturais, cor da pele, sotaques etc, e isso acaba se transformando em conflitos culturais.

Os pais da protagonista, por exemplo, podem ser considerados politicamente conservadores, ele bancário, ela dona de casa, e são retratados como aparentemente inseridos e benquistos no modo de vida da comunidade cubana de Miami. A personagem, por sua vez, tinha um posicionamento político progressista, o que podemos observar, por exemplo, quando ela menciona sua participação em protestos contra a guerra e a favor da “liberalização gay”. Esse embate de ideologias entre os pais e a protagonista teve seu ápice no momento em que o pai a questiona sobre seu modo de vestir – suas roupas representavam valores políticos antagônicos aos seus – e ao responder, a filha traz à tona as diferenças entre eles; diz ao pai que eles tinham ido para os Estados Unidos, não por causa dela, como ele mesmo afirmara na noite em que foram resgatados, mas por causa dele próprio, porque se não tivessem fugido, ele terminaria sendo caixa na loja de seu pai. Além disso, ela argumenta estarem num país livre, onde ela podia fazer o que quisesse. A reação do pai, espancando-a, não deixa dúvidas quanto às diferenças entre ambos.

---

<sup>23</sup> “Here’s what my father dreams I will be in the United States of America: A lawyer, then a judge, in a system of law that is both serious and just. Not that he actually believes in democracy – in fact, he’s openly suspicious of the popular will – but he longs for the power and prestige such a career would bring, and which he can’t achieve on his own now that we’re here, so he projects it all on me. (...)”

Here’s what my mother Dreams I will be in the United States of America: The owner of many appliances and a rolling green lawn; mother of two mischievous children; the wife of a boyishly handsome North American man who drinks Pepsi for breakfast; a career Woman with a well-paying position in local broadcasting.

My mother pictures me reading the news on TV at four and home at dinner table by six. She does not propose that I will actually do the cooking, but rather that I’ll oversee the undocumented Haitian Woman my husband and I have hires for that purpose. She sees me as fulfilled, as she imagines she is.

Percebe-se, portanto, que há no texto um desafio significativo à narrativa cultural dominante norte-americana do “*American dream*”, na qual o segredo do sucesso de todo e qualquer imigrante que chegue ao país é o trabalho árduo pois, ao contrário dessa narrativa, de que basta se esforçar para ser bem sucedido nos Estados Unidos, Obejas, assim como muitos outros autores latinos que estão nos Estados Unidos e que retratam temas migratórios, estão deixando um legado literário no sentido de que o “sonho americano” está disponível para poucos (CAMINERO-SANTANGELO, 2016).

Portanto, para a protagonista, ser cidadã estadunidense e morar nos Estados Unidos não significava, em sua própria casa, ter liberdade de pensamento. Ao passo que para os pais, mais especificamente para seu pai, estar inserido dentro daquela sociedade o fazia agir, dentro de casa – com quem pensava de forma diferente à dele - de maneira semelhante à que ele acusava Fidel Casto de agir em Cuba: violenta e autoritariamente. Percebe-se, portanto, que a busca por sua própria identidade criou grande distanciamento e estranhamento entre a protagonista e seus pais que pertenciam a outra geração e se relacionavam de forma diferente com suas raízes culturais cubanas e tinham estilos de vida e posições políticas bem distintas.

Ambas as reações trazem para o texto a complexidade das subjetividades dos dois personagens, seja pela resistência da filha em ser enquadrada por seu pai no padrão de comportamento que ele achava ser o correto, tanto pela contradição do pai ao demonstrar autoritarismo e violência ao lidar com as visões de mundo e estilo de vida da própria filha, embora seu discurso fosse radicalmente crítico ao autoritarismo que ele imputava ao regime de Fidel Castro.

A resistência da personagem principal, por sua vez, aparece no conto desde a sua chegada aos Estados Unidos. Quando ainda estão no centro de recepção de imigrantes, uma representante da Caritas Católica tentou convencê-la a trocar seu suéter verde por uma jaqueta de flanela com uma bandeira dos Estados Unidos como estampa. A recusa em trocar de roupa é consequência da imediata lembrança que aquela peça provocava naquela criança que acabara de ser resgatada após dias no mar, fugindo de seu país e de tudo que com ele deixa para trás. O cheiro de sal e “poeira cubana” impregnados no suéter e a saudade que sentia da casa da avó, ao pensar em ter que se desfazer de sua roupa, têm o papel de subjetivar ainda mais o que a protagonista entende com seu lugar de pertencimento. Assim é descrito esse momento:

Agarro-me à sensação do toque daquela boneca – fria e dura – e ao fato de que a voluntária católica está tentando fazer com que eu troque meu suéter verde por um casaco de flanela cinza com o desenho de uma bandeira dos Estados Unidos hasteada. Eu me embrulho cada

vez mais naquele suéter que, a esse ponto, cheira a sal e poeira de Cuba e à casa da minha vó, e a voluntária católica gentilmente aperta meus ombros e sai, pensando, tenho certeza, que eu estava traumatizada pela viagem em águas revoltas. Minha mãe esboça um sorriso pra mim do outro lado da sala.<sup>24</sup> (tradução minha)

E não é demais salientar que a autora, ao descrever o casaco oferecido à menina, propositalmente expõe o excessivo patriotismo e autoestima da sociedade estadunidense, uma vez que a estampa do casaco era uma bandeira dos Estados Unidos. Ou seja, lhe foi oferecida a oportunidade de “vestir” aquela nação e, quem sabe, deixar no passado tudo o que aquela “poeira” de Cuba representava, se desfazendo de seu suéter verde. A partir do momento em que a personagem chega a Miami com sua família, são recebidos por uma funcionária da imigração estadunidense, ela mesma uma imigrante que também “fugiu dos comunistas”, na Hungria, o que pode dar uma sensação inicial de que aquela foi a melhor decisão que seus pais poderiam ter tomado pois haviam chegado ao lugar que os acolheria e os respeitaria como cidadãos e que, a partir daquele momento, poderiam retomar suas vidas de classe média que tinham em Cuba. Entretanto, a assimilação à nova cultura e o preconceito étnico-racial da sociedade estadunidense para com os latinos especialmente, foram trazidos pela autora como exemplos nem sempre sutis das dificuldades pelas quais passaram a personagem e seus pais e, provavelmente, a própria Obejas e seus pais.

Outro objeto que nos chama a atenção nesse momento de chegada da família aos Estados Unidos, é a boneca de plástico, de cabelos loiros de nylon e cuja sensação ao toque era dura. Pela descrição, parece se tratar daquelas bonecas que fazem sucesso com as meninas, e que se transformam num objeto do desejo dessas crianças que, desde cedo são condicionadas a gostar de determinados tipos de brinquedos, a depender do gênero com o qual aparentemente estão biologicamente atrelados. Normalmente há uma identificação das meninas com as bonecas, seja pela ideia da feminilidade/maternidade – por meio das brincadeiras nas quais a boneca desempenha o papel de filha daquela menina ou de mãe, dentro daquele jogo – e que é, desde cedo, oferecida às meninas como a função mais importante que desempenharão em toda a sua vida adulta, ou, seja pela idealização da imagem estética a ser copiada, já que aquele brinquedo

---

<sup>24</sup> “*All I hold onto is the feel of the doll -cool and hard- and the fact that the Catholic volunteer is trying to get me to Exchange my green sweater for a little gray flannel gym jacket with a hood and an American flag logo. I wrap myself up tighter in the sweater, which at this point still smells of salt and Cuban dirt and my grandmother’s house, and the Catholic volunteer just squeezes my shoulder and leaves, thinking, I’m sure, that I’ve been traumatized by the trip across the choppy Waters. My mother smiles weakly at me from across the room.*”

é feito de acordo com o esteticamente aceito e desejado socialmente, ou seja, um corpo branco, magro e loiro.

A personagem do conto, ao chegar aos Estados Unidos, recebe da funcionária da imigração dois “presentes”; o suéter cinza com a bandeira norte-americana estampada e boneca de plástico dura e com cabelos de nylon amarelo. Ao contrário de sua atitude em relação ao suéter, a menina aceitou a boneca. E também, diferentemente do suéter, a ela foi oferecida a boneca sem que fosse exigido nada em troca. Ela não teve que se desfazer de algo seu para receber aquele agrado. Assim como também não se desfez da boneca mesmo depois de adulta, como podemos perceber no trecho a seguir:

Ainda estou agarrada à boneca, com a qual nunca irei brincar, mas que levarei comigo por toda a vida, de apartamento em apartamento, de mudança em mudança. Por fim, seus cabelinhos loiros de nylon cairão e trinta anos mais tarde, depois do meu diagnóstico de câncer, ela estará sentada em cima do meu guarda-roupa, assustada e careca, como uma paciente de quimioterapia (tradução minha)<sup>25</sup>.

Entretanto, ao analisarmos a vida da personagem até o final do conto, podemos perceber algo em comum com a vida de Achy Obejas: ambas absorveram para si um pouco de cada uma das culturas que as cercavam. Podemos inferir que ao aceitar a boneca e guardá-la até sua vida adulta, mesmo não tendo brincado com ela, a personagem abriu uma porta para que aquela nova vida e nova cultura comesçassem a fazer parte dela, começou a criar um senso de pertencimento que, por sua vez, não demandou um esquecimento do passado, de sua origem. A boneca marca uma coexistência entre sua identidade cubana e sua recém-adquirida identidade norte-americana, as quais passaram a ocupar cada uma seu espaço. E Obejas, assim como a garotinha de sua história, também parece pertencer aos dois mundos, sem necessidade de dividi-los, aceitando o que um e outro podem proporcionar a ela, como podemos observar em uma de suas falas numa entrevista para o site *Origins Journal*<sup>26</sup>:

---

<sup>25</sup>“I’m still clutching the doll, a thing I’ll never play with but which I’ll carry with me all my life, from apartment to apartment, one move after the other. Eventually, her little blond nylon hair will fall off and, thirty years later, after I’m diagnosed with cancer, she’ll sit atop my dresser, scarred and bald like a chemo patient”.

<sup>26</sup> <http://www.originsjournal.com/interviews-obejas>. Acesso em: 21 out 21.

Acredito que o momento de maior conflito por causa de todas essas minhas identidades foi provavelmente quando cheguei em Chicago. Eu tinha 20 e poucos anos e me sentia sendo jogada em várias direções ao mesmo tempo. As dificuldades em cada comunidade eram muito diferentes e geralmente pareciam que não se importava umas com as outras. Mas eu acho que muitas pontes foram construídas desde então e existe uma integração maior. (...) Também acho que quando sabemos que somos *queer* desde cedo, temos um senso de diferença mais aguçado. Eu sabia desde criança e sempre estive confortável com o que me atraía, então a questão para mim era encontrar um caminho e um lugar para que eu pudesse ser eu mesma ao invés de tentar mudar. Eu sempre entendi que minha jornada não seria convencional, mas sim em águas profundas. E isso estava bom pra mim (tradução minha).<sup>27</sup>

Outro importante momento do conto se dá quando a protagonista decide voltar a Cuba pela primeira vez desde que haviam fugido anos antes. Ao se dirigir até a representação diplomática da ilha nos Estados Unidos, lhe negam um visto para que pudesse entrar em Cuba, tendo em vista que o país não estava reconhecendo sua cidadania estadunidense. Ao mesmo tempo, seus pais se recusam a fornecer seus documentos antigos para que ela possa renovar seu passaporte cubano. Em resumo, lhe é negado o direito de exercer plenamente ambas as cidadanias; a cubana, diante da impossibilidade de renovar seu passaporte cubano e a estadunidense, quando Cuba não reconhece sua nacionalidade norte-americana. Portanto, a protagonista se encontra sob uma lógica que a coloca em um lugar de fronteira e que a impede de voltar à Cuba em busca de suas raízes. Assim é retratada a tentativa da protagonista de ir a Cuba:

---

<sup>27</sup> I think the time of most conflict with my many identities was probably when I first arrived in Chicago. I was in my early twenties and being pulled in a lot of different directions. The struggles in each community were very different and often seemed dismissive of the others. But I think a lot of bridges have been built since then, and things feel more integrated. (...) I also think when you know you're queer from early on, you have a keen sense of difference. I knew as a child and I was comfortable with my attractions, so the question for me was about finding a way and a place to be me rather than trying to change. I just figured my journey was never going to be in the mainstream, but in deeper waters. And that was fine by me.

Um dia, na faculdade, direi à minha mãe, pelo telefone, que quero voltar a Cuba para ver, para considerar todas essas questões, e ela ficará em silêncio por um tempo e dirá, Para quê? Não há nada para você lá, nós diremos tudo que você precisa saber, não confia na gente?

Sobre o meu cadáver, meu pai dirá, escutando pela extensão.

Anos mais tarde, quando viajo a Washington D.C. e pego um táxi direto para o Setor de Interesses Cubanos para requerer um visto, um homem de pele dourada com o olhar indiferente de um burocrata me dirá que, por ter vindo para os Estados Unidos numa idade em que não tinha como decidir por minha conta se queria ou não sair de Cuba – meus pais que decidiram por mim – o governo cubano não reconhece a minha cidadania norte-americana.

Você tem que renovar seu passaporte cubano, ele dirá. Talvez seus pais o tenham, ou uma cópia da sua certidão de nascimento, ou talvez você tenha um parente ou amigo que possa ir atrás desses registros em Cuba para você.

Eu lembrarei do meu passaporte no meio dos importantíssimos documentos de minha mãe, preenchido à mão em tinta azul, mesmo as partes oficiais. Mas quando pergunto aos meus pais por ele, minha mãe ficará em silêncio e meu pai dirá, Não está mais aqui, está no cofre do banco, onde você nunca o verá. Você acha que eu deixaria que nos traia dessa forma?<sup>28</sup> (tradução minha)

Outro tema bastante trabalhado em suas obras e que está presente também nesse conto, é a sexualidade. Como lésbica, Obejas além de atuar ativamente pela proteção dos direitos dos homossexuais, confere ao assunto um espaço que é não só grande como necessário sem, contudo, ter seus livros caracterizados como “literatura homossexual”, como geralmente acontece com as obras que abordam essa temática.

Ela consegue tematizar a homossexualidade – a feminina, principalmente – sem uma estereotipização, muito comum em obras que abordam essa temática. No trecho do conto a seguir, a protagonista conta suas primeiras experiências sexuais:

Para todos os namorados e namoradas brancos que eu terei, haverá somente dois loiros. Um deles não conta – um garoto da academia militar, republicano como meus pais, e que vai tentar, com relativo

---

<sup>28</sup> *In college one day, I'll tell my mother on the phone that I want to go back to Cuba to see, to consider all these questions, and she'll pause, then say, What for? There's nothing there for you, we'll tell you whatever you need to know, don't you trust us? Over my dead body, my father will say, listening in on the other line. Years later, when I fly to Washington, D.C., and take a cab straight to the Cuban Interests Section to apply for a visa, a golden-skinned man with the dulled eyes of a bureaucrat will tell me that because I came to the U.S. too Young to make the decision to leave for myself – that it was in fact my parents who made it for me – the Cuban government does not recognize my U.S. citizenship. You need to renew your Cuban passport he'll say. Perhaps your parents have it or a copy of your birth certificate, or maybe you have a relative or friend who could go through the records in Cuba for you. I'll remember my passport among my mother's priceless papers, handwritten in blue ink, even the official parts. But when I ask my parents for it, my mother will say nothing, and my father will say, It's not here anymore, but in a bank box, Where you'll never see it. Do you think I would let you betray us like that?*



insucesso, me penetrar em uma praia do sul da Flórida. Vou me desvencilhar e sair debaixo dele não porque seu pênis me machuca, mas porque sua barba arranha meu rosto.

A outra será Martha, lida por toda a comunidade lésbica como uma oportunista, mas que vai me amar a despeito da minha pobreza. Ela virá ao meu apartamento de um quarto aos sábados pela manhã enquanto sua amante rica ainda dorme e me despirá rápida, sincera e brutalmente. Num sábado, esqueceremos de programar o alarme para que ela possa voltar para casa a tempo, e Martha terá que se vestir com pressa, ainda com o cheiro do meu sexo em seu rosto e sua calcinha embolada na perna de sua calça. Quando ela chega em casa, sua amante rica perceberá o estranho volume em sua canela e a expulsará de casa, forçando Martha a perceber que sem um relacionamento primário para contrastar, não poderemos continuar juntas.

É muito perigoso, ela dirá, enquanto mexe em seus cabelos loiros, tirando-os de seu rosto.

Anos mais tarde, visitarei Martha, agora morando à beira do mar em Provincetown com sua nova amante, uma prima de Kennedy ainda no armário, que tem um amor por cachorros e sardas nas bochechas. (tradução minha)<sup>29</sup>

No próximo trecho, observa-se claramente, além de uma alusão à sua sexualidade, uma clara identificação da protagonista com suas raízes latinas ao mesmo tempo em que se questiona sobre como aquilo que ela acabara de viver teria acontecido – ou se de fato aconteceria – se estivessem em Cuba.

O garoto da academia militar vai falar *oh baby baby* enquanto força seu quadril em mim. E Martha e todas as garotas antes e depois dela, aqui nos Estados Unidos dirão *ooooohhhh oooooooooohhhhhhhh* enquanto meus dedos as exploram por dentro.

Mas na primeira vez em que faço amor com uma cubana, uma escritora exilada politicamente controversa de alguma reputação, ela dirá, *Aaaaaayyyyyyaaaaayyyyyaaaaay* e vai me puxar do meio de suas pernas pelos cabelos, e a saliva, como espuma do mar, entre a minha

---

<sup>29</sup> *For all the blond boyfriends I will have, there will be Only two yellow-hair lovers. One doesn't really count – a boy in a military academy who subscribes to Republican politics like my parents, and who will try, relatively unsuccessfully, to penetrate me on a South Florida beach. I will squirm Away from underneath him, not because his penis hurts me but because the stubble on his face burns my cheek.*

*The Other will be Martha, perceived by the whole lesbian Community as a gold digger, but who will love me in spite of my poverty. She'll come to my one-room studio on Saturday mornings When her rich lover is still asleep and rip tee-shirts off my shoulders, brutally and honestly.*

*One Saturday we'll forget to set the alarm to get her back home in time, and Martha will have to dress in a hurry, the smoky smell of my sex all over her face and her own underwear tangled up in her pants leg. When she gets home, her rich lover will notice the weird bulge at her calf and throw her out, forcing Martha to acknowledge that without a primary relationship for contrast, we can't go on.*

*It's too dangerous, she'll say, tossing her blond hair away from her face.*

*Years later, I'll visit Martha, now living seaside in Provincetown with her new lover, a Kennedy cousin still in the closet who has a love of dogs, and freckles sprinkled all over her cheeks.*

boca e seus cachos brilhosos. Depois ela me beijará com força e nossas línguas vão se tocar como astutos golfinhos.

Em uma troca de movimento, ela me virará de costas, travesseiros por todos os lados da cama e beijará todo o meu corpo, entre meus seios, debaixo dos meus braços, e ela vai chupar a ponta dos meus dedos e a parte de dentro dos meus cotovelos. E quando ela descansa sua cabeça na minha barriga, seu ouvido escutando não meus batimentos, mas o barulho das palmeiras, ela se sentará, colocará uma das mãos no meu pescoço, a outra no meu sexo, me beijará ali embaixo do meu tronco, em torno do meu umbigo, onde sou mais macia e clarinha.

No dia seguinte, ouvindo sua respiração em meus braços, vou me perguntar se isso teria acontecido de fato se tivéssemos ficado em Cuba. E se tivesse acontecido, teria sido furtivo ou livre, com ou sem revolução. E como – sabendo agora como a vida é uma caixinha de surpresas - eu poderia me agarrar a ela por mais um tempo (tradução minha)<sup>30</sup>

Embora pareçam contraditórios, a identificação com suas raízes cubanas junto de um questionamento quanto à possibilidade de exercer sua subjetividade em Cuba, existe aí uma identificação da protagonista, e talvez da própria autora, com a identidade cubana ao mesmo tempo em que sabe que morar em Cuba, naquele momento, não teria sido uma opção pelo fato de ser lésbica.

Portanto, infere-se do texto que a protagonista não se resume a esta ou aquela identidade. Sua subjetividade lhe permite ser muitas coisas e ainda assim ser única, no sentido de criar o seu próprio pertencimento, de ditar as próprias regras e segui-las como lhe for mais conveniente. O interesse pela personagem está exatamente nessa mistura de identidades; lésbica, latina, cubana, estadunidense e progressista.

---

<sup>30</sup> *The boy from the military academy will say oh baby, baby as he grinds his hips into me. And Martha and all the girls before and after her here in the United States will say ooohhh ooohhhhhh oooooooooohhhhhhhh as my fingers explore inside them.*

*But the first time I make love with a Cuban, a politically controversial exile writer of some repute, she will say, Aaaaaayyyyyyaaaaayyyyyyaaaaay and lift me by my hair from between her legs, strings of saliva like sea foam between my mouth and her shiny curls. Then she'll drop me onto her out Where our tongues will poke each other like wily porpoises.*

*In one swift movement, she'll flip me on my back, pillows falling every which way from the bed, and kiss every part of me, between my breasts and under my arms, and she'll suck my fingertips, and the inside of my elbows. And when she rests her head on my belly, her ear listening not to my heartbeat but to the fluttering of palm trees, she'll sit up, place one hand on my throat, the other on my sex, and kiss me there, under my rib cage, around my navel, where I am softest and palest.*

*The next morning, listening to her breathing in my arms, I will wonder how this could have happened, and if it would have happened at all if we'd stayed in Cuba. And if so, if it would have been furtive or free, with or without the Revolution. And how – knowing now how cataclysmic life really is – I might hold on to her for a little while longer.*

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolher Obejas como a autora sobre a qual eu iria desenvolver a minha pesquisa não foi tarefa difícil. Mas decidir sobre qual obra me debruçar demandou um certo tempo, tendo em vista a riqueza de sua escrita, principalmente no que diz respeito às identidades que a constituem. E foi exatamente essa característica da autora e de suas obras que me trouxeram ao universo literário de Achy Obejas que, assim como eu, é constituída por identidades diversas e não hegemônicas seja como mulher lésbica, seja como alguém de ascendência judaica.

O conto objeto deste trabalho tem como protagonista uma mulher lésbica e tal identidade ia de encontro às idealizações que seus pais criaram para ela. No livro *Days of Awe*, a protagonista descobre a judaicidade do avô, ao mesmo tempo em que percebe o quão velada aquela identidade permaneceu por tanto tempo. Essas duas situações observadas nas referidas obras aumentaram o meu interesse em torno de Obejas e de sua escrita pois se tratam de algo muito semelhante às minhas vivências, às minhas experiências. Então, trabalhar a obra de Obejas foi um desenrolar natural da leitura de seus livros.

Escrever sobre identidades, mormente quando nos debruçamos sobre parte da obra de umas das autoras latinas mais interessantes da atualidade, é tarefa prazerosa embora complexa. Tentei nesta dissertação desdobrar o conto de Achy Obejas de uma forma que permitisse a quem a ler perceber e visualizar, assim como eu enxerguei, as entrelinhas de sua escrita, suas motivações – não necessariamente conscientes – e a origem do que ela expressou em palavras.

Para cumprir esse objetivo, centrei minha reflexão nas teorias identitárias, me debruçando em autoras, em sua maioria, decoloniais e negras, pois entendo que a escrita de Obejas e as identidades das quais a escritora se constitui não merecem ser analisadas apenas sob a ótica de quem entende o mundo a partir de um viés eurocêntrico, colonialista. Assim, como arcabouço teórico desta pesquisa, são utilizados os conceitos de “locus fraturado”, de María Lugones (2010), “consciência mestiça”, de Gloria Anzaldúa (2005), além de Patricia Hill Collins (2016) e seus ensinamentos por meio da “*outsider within*” e Stuart Hall (2012) em seus estudos sobre a fluidez da identidade. E a partir dos conceitos ora citados - além de outros utilizados no decorrer do texto -, pretendi interligá-los com o conto e com as vivências de Achy Obejas, trazendo uma interpretação de sua escrita à luz de um olhar decolonial.

Importante frisar ainda que a análise de algumas das obras de Obejas, incluindo o conto objeto desta dissertação, demanda um entendimento no sentido de que sua escrita, embora não seja autobiográfica, é constituída a partir de suas memórias, o que significa que sua construção

narrativa traz aspectos relativos à história vivida por ela. Ou seja, é por meio de uma escrita de si que Achy Obejas reconstitui sua história de vida, mas com a liberdade de expressar-se subjetivamente a partir de suas percepções, trazendo à superfície as suas verdades que, justamente por serem fruto de suas percepções e subjetividades, são incontestáveis.

Portanto, entendo haver um posicionamento da autora numa espécie de retaguarda, como forma a intencionalmente resguardar-se da responsabilidade dos fatos narrados, embora o conto analisado seja uma escrita de si, um exercício de ficcionalização suas próprias memórias (SILVA, 2013). A opção por esse lugar ambíguo ocupado pela voz narrativa de Obejas parece fortalecer em alguma medida a complexidade de sua configuração identitária, um movimento especialmente caro para este trabalho.

Assim, tendo em vista essa dualidade ficção-realidade, entendi possível e, até mesmo, academicamente mais estimulante fazer uma análise concomitante das questões identitárias presentes no texto e das identidades relacionadas à autora.

No primeiro capítulo, pretendi demonstrar a importância da literatura subalternizada, ou seja, aquela que existe e é composta por sujeitos, em sua maioria, não brancos, não europeus nem norte-americanos e que passaram por um processo diaspórico em algum momento de suas vidas. Dentro dessa literatura, incluí a que é feita por latinas(os) nos Estados Unidos, incluindo nesse bojo a literatura queer, tudo isso com o intuito de demonstrar a importância da existência desse “movimento” literário para o fortalecimento de culturas consideradas subalternas. Faço, ainda, uma apresentação de Achy Obejas, posicionando-a nesse espaço subalternizado.

No segundo capítulo, ao iniciar uma discussão acerca das identidades que são demarcadas principalmente por questões geográficas, ou, de forma mais específica, por processos diaspóricos, objetivei problematizar as teorias identitárias no sentido de que coubessem dentro do pensamento decolonial e para isso, me debrucei sobre teóricos que percebem tais processos a partir de um olhar subalterno, ou seja, processam suas ideias e estudos posicionando-se no lugar do oprimido, do colonizado.

E no terceiro capítulo, quando faço uma análise pormenorizada das identidades presentes no conto de Achy Obejas, trazendo trechos da obra sendo analisados à luz dos pressupostos teóricos trazidos no capítulo antecedente. Pretendi mesclar teoria e prática, identificando no conto momentos por meio dos quais eu poderia mostrar explicitamente como a teoria estava enviesada naqueles trechos da escrita.

Não obstante este trabalho ter se debruçado sobre uma obra literária, não há como deixar de destacar a importância da interdisciplinaridade em sua elaboração. Por mais que os campos de estudos existam por si só e, em muitas vezes, se bastem, a conexão entre a literatura e a

sociologia que pude aplicar aqui, sem dúvida enriqueceu a pesquisa tanto do meu ponto de vista como pesquisadora como do ponto de vista de quem a ler.

Assim, entendendo que o caráter interdisciplinar norteia este trabalho, cito o sociólogo Howard Becker (2010) que defende a ideia de que existem diversas maneiras de se falar da sociedade além da sociologia em si, como disciplina, que não existe um monopólio das ciências sociais sobre o conhecimento do que acontece nas sociedades. A experiência cotidiana, os meios de comunicação, a literatura e o cinema muitas vezes são considerados fontes valiosas sobre a vida social e uma outra forma de se falar sobre a sociedade. Becker critica a forma como os cientistas sociais lidam com o conhecimento, como se tivessem o monopólio sobre a produção desse conhecimento.

Neste sentido, exemplifica as obras de ficção, como romances e contos, serviram muitas vezes como veículo de análise social ao mostrar a saga de famílias, classes e grupos sociais. Assim como na arte dramática, o teatro também serve como um potente exame da vida social, no que diz respeito, principalmente, quanto à descrição e análise dos males sociais. Porém, não concorda com a afirmação de que as obras e suas/seus autoras(es) se atêm a fazer análises sociais sob um disfarce artístico, mas que o efeito de muitas obras artísticas depende exatamente do seu “conteúdo sociológico e da crença dos leitores e plateias de que o que essas obras lhes dizem sobre a sociedade é, em certo sentido, ‘verdadeiro’” (BECKER, 2010).

O seu entendimento é no sentido de que aquilo que normalmente se considera entretenimento é também uma fonte de conhecimento séria e que é exatamente esse “entretenimento” que pode viabilizar a transmissão de determinado conhecimento que, de outra forma, seria difícil de compartilhar.

Não há como negar, portanto, que esta dissertação tem seu alicerce fincado na busca de um entendimento sociológico por meio da arte, analisando uma obra literária que, inegavelmente, é permeada por acontecimentos sociais cujas origens e desdobramentos a tornam não só um objeto de análise como uma fonte de conhecimento.

Acredito ainda que o trabalho desenvolvido possa contribuir para difundir a obra de Achy Obejas para o público brasileiro, para o qual não existe obras traduzidas para o português até hoje e também para o aprofundamento do estudo da obra dessa autora que, infelizmente, não é objeto de quase nenhum trabalho acadêmico no país, motivo pelo qual, inclusive, tive dificuldades para encontrar artigos em português para que pudessem me alicerçar na construção desta dissertação. E embora esta pesquisa tenha problematizado identidades trazidas à obra em suas personagens, deixei de falar de um aspecto muito grande que compõe o caldeirão identitário de Obejas – e que também compõe a identidade das personagens de outra obra de

sua autoria, o livro *Days of Awe* -, sua judaicidade. Assim como as personagens principais desse livro, Obejas tem ascendência judia e sempre buscou entendê-la mais de perto. Portanto, esse estudo talvez deva ser aprofundado em outro momento da minha vida acadêmica, a qual, sem dúvidas, continuará tendo como maior interesse Obejas e suas obras.

Ademais, não há como negar a importância de pensar a América Latina nos Estados Unidos, ou seja, é necessário incorporar esse país aos estudos latino-americanos, tamanha é a influência, em todos os aspectos, dos imigrantes latinos em sua sociedade. Os latinos nos Estados Unidos eram 62,1 milhões em 2020, o equivalente a 19% da população total <sup>31</sup> e o entendimento do que significam, na prática, esses números é de grande importância para que se alcance um entendimento e para que tenhamos um espelho que ajude a enxergar a força da cultura latina e o seu avanço e que ela deixe de ser considerada apenas uma subcultura dentro de um país colonialista e opressor.

Finalmente, apesar de entender que as identidades não são estáveis nem unificadas, pelo contrário, são mutáveis e provisórias, mudando de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, e que a identificação não é automática, podendo ser ganhada ou perdida, e, também, que o deslocamento do indivíduo de seu lugar no mundo social e cultural provoca nele uma dúvida sobre quem é, considero que Achy Obejas e suas personagens não estão perdidas, sabem exatamente quem são. Resistem a imposições sociais exatamente por entenderem quem são e o lugar que ocupam.

---

<sup>31</sup>Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/latinos-nos-eua-sofrem-discriminacao-de-outros-latinos-aponta-estudo/>. Acesso em: 12 jul 2022.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANZALDÚA, Gloria. **La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência**. Rev. Estud. Fem. vol.13 no.3 Florianópolis Set.- Dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **Como domar uma língua selvagem**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, n. 39, p. 297-309, 2009.

\_\_\_\_\_. Los movimientos de rebeldia y las culturas que traicionan. In: bell hooks et al. **Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras**. Traficantes de Sueños. Madrid. 2004.

BRAH, Avtar. **Cartografías de la Diaspora: Identidades en cuestión**. Traficantes de sueños. Madrid: 2011.

CAIRO, Luiz Roberto. **Literatura brasileira, literatura latino-americana?** Revista Entrelaces, nº 1, v. 1, p. 37-43, Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/issue/view/295>. Acesso em: 19 set 2021.

CAMINERO-SANTANGELO, Marta. **Historias Transfronterizas: Contemporary Latina/o Literature of Migration**. Cambridge University Press. 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Soc. estado. [online]. 2016, vol.31, n.1, pp. 99-127. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922016000100099&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-69922016000100099&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 21 de maio de 2021.

COOPER, Sarah. Queering Family: Achy Obejas's "we came all the way from Cuba so you could dress like this?". In: **Chasqui: revista de literatura latino-americana**, vol. 32, nº2, p. 76-88. Nov 2003. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/29741805>. Acesso em 11 jul 2021.

COSTA, Cláudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria. Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". **Revista Estudos Feministas**, nº13, Florianópolis, Dez 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300014>. Acesso em 11 jul 2021.

DAS, Amrita. **Writing Memory: The Latino Community and Continuity in the Writings of Julia Alvarez, Judith Ortiz Cofer, and Achy Obejas**. Dissertação de Mestrado. Florida State University. 2005.

DUANY, Jorge. **Cuban communities in the United States: migration waves, settlement patterns and socioeconomic diversity**. Pouvoirs dans la Caraïbe (on-line), p. 69-103. 1999. Disponível em: <https://journals.openedition.org/plc/464>. Acesso em: 04 out 2021.

EVARISTO, Conceição. “Escrevivência”: a escrita que nasce da vivência. *Revista Conexão Literatura*, 2017, nº 24, p. 5-10, junho de 2017. Entrevista concedida a Ademir Pascale. Disponível em <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2017/06/conceicao-evaristo-destaque-da-nova.html>. Acesso em: 05 set 22.

FAEDRICH, Anna. O conceito de autoficção: demarcações a partir da literatura brasileira contemporânea. **Revista Itinerários**, Araraquara, n. 40, p. 45-60, jan./jun. 2015.

FERREIRA, Willian Duarte, OLIVEIRA, Mirian Santos Ribeiro. Literatura queer e latina nos Estados Unidos: interseccionalidades entre etnia, gênero e sexualidade em dois contos. **Revista Odisseia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 74-89, jan.- jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/13334/9274>. Acesso em 02 out 2019.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: <http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 28 jul 2021.

FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de. Desumanização, reconhecimento e resistência na América Latina e Caribe: uma articulação entre a teoria da precariedade de Judith Butler e o feminismo decolonial de María Lugones. **Revista Debates Insubmissos**, Caruaru, PE, Brasil, Ano 3, v.3, nº 11, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/>

GARCIA, Paulo César; MIRANDA, Olinson Coutinho. **A Teoria Queer como representação da cultura de uma minoria**. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura. UFRB, Cachoeira 2012. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf>. Acesso em: 28 set 2021.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

GONZÁLEZ, Elena C Palmero. Deslocamentos transamericanos: bases para um projeto de história comparada das literaturas do Caribe insular hispânico nos Estados Unidos. XI Seminário Internacional de História da Literatura (Porto Alegre, 2015), publicada nos **Anais do XI Seminário Internacional de História da Literatura**. Porto Alegre: Editora da PUC, 2016.

\_\_\_\_\_. Discursos da memória na literatura da diáspora cubana nos Estados Unidos. **Revista Brasileira do Caribe**, vol. XVI, núm. 30, pp. 91-107. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2015.

\_\_\_\_\_. Escritas translíngues e comunidade literária hispano-americana. In: LISBOA, Ana Maria; ANDRADE, Antonio. (Org.). **Translinguismo e poéticas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 11 ed., 2006.



\_\_\_\_\_. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG/ Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais** (org) 12. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HARRIS, Leila Assumpção. Achy Obejas: nas entrelinhas da história e da memória. In: SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade (org). **Feminismos, Identidades, comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa**. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010.

LIPSKI, Jonh. Is “Spanglish” the third language of the South?: truth and fantasy about U. S. Spanish. LAVIS-III, University of Alabama, Tuscaloosa, April 16, 2004.

LOBO, Patrícia Alves de Carvalho. **Chicanas em busca de território: A herança de Gloria Anzaldúa**. Tese de doutorado, Departamento de Estudos Anglísticos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2015.

LÓPEZ, Alejo. **Nuevas instancias transculturales de la literatura latinoamericana: la tradición latina de los Estados Unidos**, Amerika [online], 13 | 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/amerika/6918>. Acesso em 02 out 2019.

LUGONES, María. Pilgrimages/Peregrinajes: **Theorizing Coalition Against multiple oppressions**. Lanham, Md.: Rowman & Littlefield, 2003.

\_\_\_\_\_. “Colonialidad y género: hacía un feminismo decolonial”. In: MIGNOLO, Walter (comp.). **Género y descolonialidad**. Buenos Aires: Del Siglo, 2014a.

\_\_\_\_\_. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis: 22(3): 320, setembro-dezembro, 2014b.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFÖGEL, Ramón (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

\_\_\_\_\_. **Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças**. 3 ed, Autêntica Editora, 2012.

NODARI, Natália Rosa. **Entre a Teoria e a Literatura Queer: um estudo em contos brasileiros contemporâneos**. Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra: 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/89818>. Acesso em: 10 ago 22.

OBEJAS, Achy. **Days of Awe**. Ballantine Books, 2002.

\_\_\_\_\_. **We Came All the Way from Cuba So You Could Dress Like This?** Cleis Press, 1998.

POBLETE, Juan. Literatura, mercado y nación: la literatura latina en los Estados Unidos. In **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, No. 69. Lima-Hanover: 2009, p. 167-192.

POLLACK, Michel. Memória e Identidade Social In **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; QUENTAL, Pedro de Araújo. **Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina**, *Polis* [online], 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/3749>. Acesso em: 11 ago 22.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: <[http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf)> Acesso em: 06 de fevereiro de 2021.

\_\_\_\_\_. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Revista Novos Rumos**, (37). 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n37.2192>. Acesso em: 11 ago 21.

REA, Caterina Alessandra. Pensamento Lésbico e Formação da Crítica Queer of Color. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 117–133, 2018. DOI: 10.9771/cgd.v4i2.26201. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/26201>. Acesso em: 21 jun. 2022.

SILVA, Josimere Maria da. **Escrita de si, memória e testemunho em margem das lembranças, de Hermilo Borba Filho**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande: 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 12 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago.2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 06 jun. 2022.

SOUZA, Livia Santos de. **Extraterritorialidade e translinguismo na obra de Junot Diaz**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2018.

TUMA, Virginia Camila. **The Cuban Diaspora and the Question of Nostalgia**. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação da Duke University. Durham: 2017.

VALOIS, Maria Luana Caminha. Sandra Cisneros: feminismo, vida e literatura. **Anais do XI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72706>>. Acesso em: 24/06/2022.

## ANEXO – Tradução do conto

Nós saímos de Cuba para você se vestir assim?

Estou vestindo um suéter verde. É feito de algum material sintético e é meu. Estou usando ele há dois dias e não tenho planos de tirá-lo agora.

Tenho dez anos. Acabei de sair do barco – ou melhor, do navio. O barco mesmo não resistiu: fomos resgatados na metade do caminho entre Havana e Miami por um cargueiro de petróleo enorme ao qual nosso barco foi amarrado. Foi assim que nosso barco foi destruído: suas placas de madeira quebravam como palitos de dente enquanto batia no grande casco de metal do navio. Todos falam da inteligência americana, então não sei porque ninguém previu que isso fosse acontecer. Mas não previram. Então, o barco que trouxe a mim e meus pais por grande parte do caminho de Cuba até aqui é agora apenas parte dos destroços que serão trazidos pela maré até as praias de turistas por todo Caribe.

Enquanto isso, meus pais estão sendo interrogados por um oficial do Serviço de Imigração e Naturalização. Tudo isso não passa de formalidade já que estamos em 1963 e nenhum cubano requisitando asilo político tem seu pedido negado. Nós somos a prova de que a revolução não deu certo para a classe média e de que o comunismo é ruim. Meus pais – meu pai é contador e minha mãe, assistente social – são exemplos vivos do sofrimento que os cubanos vêm suportando sob a tirania de Fidel Castro.

A oficial da imigração, uma senhora húngara gorda com brilhantes olhos castanhos e um indissolúvel sorriso, pergunta aos meus pais porque eles vieram para os Estados Unidos e meu pai, cujo rosto está queimado de sol após passar, secretamente aterrorizado, dois dias flutuando em um barquinho no meio do Oceano Atlântico, aponta para mim – estou sentada num sofá do outro lado da sala, mais entediada do que cansada – e diz: nós viemos por ela, para que ela possa ter um futuro.

A oficial da imigração, num espanhol hesitante, conta como fugiu dos comunistas na Hungria. Ela diz que os comunistas pegaram tudo de sua família, incluindo uma enorme propriedade no campo de quarenta e quatro acres e dois lagos que agora está sendo usado como um centro de treinamento vocacional. Vocês podem imaginar isso, ela pergunta. Atrás dela tem um retrato oficial do presidente John F. Kennedy, que terá que ser substituído em não mais que uma semana.

Eu cruzo meus braços sobre meu peito e sobre o suéter verde. Nesta noite, o governo dos Estados Unidos nos colocará em um barulhento hotel de trânsito. Nos permitirão ficar lá

por uns dois dias, às custas do contribuinte, até que meu padrinho – que vive com sua amante em algum lugar de Miami – venha nos buscar.

\*\*\*

Encostada contra a parede do Centro de Processamento, eu percebo uma voluntária da Caritas Católica que se aproxima com presentes: biscoitos de aveia, uma boneca de plástico com cabelo loiro e um vestido azul e um rosário feito de contas de plástico brancas. Ela sorri e fala comigo num inglês incompreensível e com uma voz forçadamente alta.

Minha mãe, tensa, assistia a tudo sentada do lado do meu pai enquanto nossas informações estavam sendo processadas, me dirá mais tarde que lembra desse momento como algo comovente e bom.

Agarro-me à sensação do toque daquela boneca – fria e dura – e ao fato de que a voluntária católica está tentando fazer com que eu troque meu suéter verde por um casaco de flanela cinza com o desenho de uma bandeira dos Estados Unidos hasteada. Eu me embrulho cada vez mais naquele suéter que, a esse ponto, cheira a sal e poeira de Cuba e à casa da minha vó, e a voluntária católica gentilmente aperta meus ombros e sai, pensando, tenho certeza, que eu estava traumatizada pela viagem em águas revoltas. Minha mãe esboça um sorriso pra mim do outro lado da sala.

Ainda estou agarrada à boneca, com a qual nunca irei brincar, mas que levarei comigo por toda a vida, de apartamento em apartamento, de mudança em mudança. Por fim, seus cabelinhos loiros de nylon cairão e trinta anos mais tarde, depois do meu diagnóstico de câncer, ela estará sentada em cima do meu guarda-roupa, assustada e careca, como uma paciente de quimioterapia.

\*\*\*

A vida é destino ou decisão?

Para todos os namorados e namoradas brancos que eu terei, haverá somente dois loiros. Um deles não conta – um garoto da academia militar, republicano como meus pais, e que vai tentar, com relativo insucesso, me penetrar em uma praia do sul da Flórida. Vou me desvencilhar e sair debaixo dele não porque seu pênis me machuca, mas porque sua barba arranha meu rosto.

A outra será Martha, lida por toda a comunidade lésbica como uma oportunista, mas que vai me amar a despeito da minha pobreza. Ela virá ao meu apartamento de um quarto aos sábados pela manhã enquanto sua amante rica ainda dorme e me despirá rápida, sincera e brutalmente.

Num sábado, esqueceremos de programar o alarme para que ela possa voltar para casa a tempo, e Martha terá que se vestir com pressa, ainda com o cheiro do meu sexo em seu rosto e sua calcinha embolada na perna de sua calça. Quando ela chega em casa, sua amante rica perceberá o estranho volume em sua canela e a expulsará de casa, forçando Martha a perceber que sem um relacionamento primário para contrastar, não poderemos continuar juntas.

É muito perigoso, ela dirá, enquanto mexe em seus cabelos loiros, tirando-os de seu rosto.

Anos mais tarde, visitarei Martha, agora morando à beira do mar em Provincetown com sua nova amante, uma prima de Kennedy ainda no armário, que tem um amor por cachorros e sardas nas bochechas.

\*\*\*

No centro de processamento, a voluntária católica encontrou uma jovem colombiana para conversar comigo. Eu não sei seu nome, mas ela é bonita e morena e ela fala espanhol. Ela me diz que não é católica, mas que ela gostaria de me oferecer conforto cristão ainda assim. Ela cheira à água de violetas.

Ela tira uma bíblia de dentro de sua grande bolsa e me pergunta, Você sabe o que é isso, e eu digo, Eu sou católica, e ela diz que, bem, ela já foi católica também, mas que ela foi salva e agora é outra coisa. Ela diz que tudo será diferente para mim nos Estados Unidos, como foi para ela.

Depois ela me conta sobre a vinda dela com seu pai e como ele ficou doente e morreu, e que ela foi forçada a fazer todo o tipo de trabalho, incluindo o que ela chama de trabalho do pecado, e como o trabalho do pecado ensinou a ela muito sobre a vida e, então, contou como ela foi salva. Ela diz que isso ainda é um problema, um impulso, o qual ela tem que suprimir lendo a bíblia. Ela me olha como seu eu soubesse do que ela está falando.

Do outro lado da sala, meus pais ainda estão falando com a moça húngara gorda, meu pai com a cabeça inclinada sobre a mesa, enquanto preenche formulário atrás de formulário.

Então a voluntária católica volta e pergunta alguma coisa em inglês à moça colombiana que vai até mim, dá um tapinha no meu colo e começa a ler, de sua bíblia em espanhol: Seus seios são como dois cervos, gêmeos da gazela que se alimenta sobre os lírios. Até o dia raiar e a escuridão for embora, correrei até a montanha de mirra e ao monte de olíbano. Você é toda perfeição; não há falhas em você.

\*\*\*

Meu pai sonha que, nos Estados Unidos, serei: uma advogada e depois uma juíza num sistema judiciário sério e justo. Não que ele realmente acredite na democracia – na verdade ele

abertamente duvida da vontade popular – mas anseia pelo poder e prestígio que essa carreira pode trazer e que ele mesmo não tem como alcançar agora que estamos aqui, então ele projeta tudo em mim. Ele me enxerga em tribunais e salas de audiências, em bibliotecas e em restaurantes chiques como objeto de inveja e fascínio.

Meu pai não me visualiza em cenas domésticas. Ele não me imagina como uma esposa ou mãe porque, para fazer isso, ele precisaria imaginar outras pessoas mais íntimas a mim que ele próprio e isso ele não consegue suportar. Ele nunca se arrependerá de não ser um avô; isso nunca esteve em seus planos.

Minha mãe sonha que, nos Estados Unidos, serei: dona de vários eletrodomésticos e de um quintal perfeito; mãe de duas crianças travessas; esposa de um jovem e bonito homem norte-americano que toma Pepsi no café da manhã; uma profissional, num emprego bem pago numa TV local.

Minha mãe me imagina lendo as notícias na TV às quatro e estando em casa para o jantar às seis. Ela não acha que eu vá cozinhar, mas que eu supervisione a haitiana ilegal que contratamos para que cozinhasse para nós. Ela me enxerga como uma mulher realizada assim como ela acha que também é.

Só penso em beijos, não daqueles do tipo desentupidores de pia, mas beijinhos rápidos por toda a minha barriga antes que minha amante e eu nos misturemos ao emaranhado de cobertores e lençóis, numa cama embaixo de uma janela aberta. Não enxergo essa cena à distância, então não sei se a janela emoldura altos pinheiros ou arbustos tropicais permeados por deslizantes lagartos cinzas.

\*\*\*

Está quente e abafado no centro de processamento, onde estou sentada embaixo de uma luz que faz barulho e estala. Tudo cheira à nicotina. Eu limpo o suor do meu rosto com a manga do meu suéter. Por fim, tiro o suéter e o dobro no meu braço.

Meu pai, fumando cigarro após cigarro, resmunga algo sobre comunismo e como a República Dominicana é a próxima assim como, provavelmente, algum outro lugar da América Central.

Minha mãe foi para outro andar no prédio, onde a voluntária católica insiste para que ela dê uma olhada nas caixas cheias de roupas doadas por generosos norte-americanos. Mais tarde, minha mãe nos contará que a voluntária católica apontou para o casaco cinza de flanela com o desenho da bandeira dos Estados Unidos hasteada, que ela puxou uma gravata borboleta de dentro de uma das caixas, um ursinho de pelúcia preto e sintético de outra caixa e sorriu, envergonhada.

Minha mãe admitirá que ela estava desconfortável com a ideia de procurar em meio as caixas e afundar seu braço no meio de suor e secreções de outras pessoas e não que estivesse desconfortável em ofender a voluntária católica, e que ela prendeu a respiração, sorriu e pescou uma camisa para meu pai e um vestido azul-claro de algodão para mim, o qual nunca vestirei.

\*\*\*

Meus pais escaparam de Cuba porque eles não queriam que eu crescesse num país comunista. Eles são anticomunistas, especialmente meu pai.

É por causa disso que, quando Martin Luther King Jr. morre em 1968, e as cidades norte-americanas inflamam-se, meu pai regozija. King era um comunista, ele dirá; ele estudou em Moscou, todo mundo sabe disso.

Reviro meus olhos e fico em silêncio. Minha mãe pede para que ele termine seu *café con leche* e limpe seu bigode de leite da parte de cima de seu lábio.

Depois, na manhã seguinte àquela em que atiraram em Bobby Kennedy e que seu cérebro ficou espalhado pela cozinha de um hotel na Califórnia, meu pai recebeu a notícia de sua morte entrando em nossa cozinha com um broche no qual estava escrito “Nixon é o melhor”.

Nada pode detê-lo, meu pai dirá; eu sei disso, porque estou envolvida com a contrarrevolução e eu sei que ele é quem nos salvará, que ele que criou o plano da Baía dos Porcos – que teria funcionado, todos os experts concordam, se ele tivesse sido eleito ao invés de Kennedy, aquele covarde.

Minha mãe votará em Richard Nixon em 1968, mas apesar do grande apoio do meu pai ao candidato, ele não votará nessas eleições convencido de que não há necessidade de se tornar cidadão dos Estados Unidos (pré-requisito usual para votar) porque Nixon logo nos enviará de volta a Cuba onde sua cidadania inativa voltará à vida.

Naquele verão, meu pai, que resistiu em comprar uma televisão (muito grande e pesada para levarmos de volta a Cuba, ele nos dirá), do nada compra um enorme modelo a cores da Zenith para assistir à transmissão das Olimpíadas da Cidade do México.

Sentarei no chão, perto o suficiente para distinguir os diferentes pontos coloridos enquanto meu pai senta, não muito distante de mim em uma poltrona LA-Z-BOY e torce pelos boxeadores cubanos, especialmente Teófilo Stevenson. Todas as vezes que ele vence – seja contra norte-americanos ou lutadores da Alemanha Oriental seja contra qualquer outro – meu pai vai pular e gritar de felicidade.

Mais tarde, enquanto a bandeira cubana flamula durante a cerimônia de entrega de medalhas e o hino nacional cubano toca pelos pequenos autofalantes da TV, meu pai se



levantará e cobrirá seu coração com a palma da mão, assim como Fidel, assistindo à sua própria TV em Havana.

Quando ficar mais velha, eu contarei ao meu pai o rumor que ouvi que Stevenson, apesar de todo o seu heroísmo, praticava seus melhores movimentos de boxe em sua esposa, e meu pai olhará pra mim como seu eu fosse doida e dirá, Sim, claro, ele é um Comunista, o que você esperava, hã?

\*\*\*

No centro de processamento, meu pai recebe a visita de um homem cubano com uma bolsa grande com uma câmera e um caderno estenográfico no qual ele está sempre escrevendo. O homem usa óculos de lentes verdes como uma garrafa de Coca-Cola e masca um charuto de cheiro forte enquanto assente com a cabeça a tudo que meu pai diz.

Minha mãe, segurando um saco de papelão com nossas roupas usadas dentro dele, senta do meu lado no sofá embaixo das lâmpadas barulhentas. Ela me pergunta sobre a moça colombiana, e eu respondo que ela leu trechos da Bíblia pra mim, o que faz minha mãe estremecer.

O homem de óculos com lentes de garrafa de Coca-Cola e charuto diz ao meu pai que ele é de Santiago de Cuba, na província Oriente, perto da cidade natal de Fidel, onde ele alega que ninguém nunca apoiou a revolução já que conheciam o verdadeiro Fidel. Depois ele fala que conhecia o pai do meu pai, o que deixa meu pai bastante nervoso.

Toda costa ao norte do porto de Havana é um campo minado, diz meu pai ao homem cubano para distrai-lo. Há milicianos por todas as praias, ele continua; foi um milagre termos conseguido sair, mas tínhamos que fazê-lo – por ela, e ele aponta na minha direção novamente.

Então o homem de óculos com lentes de garrafa de Coca-Cola e charuto pula e puxa uma câmera enorme de dentro de sua bolsa, cobrindo minha mãe com uma repentina explosão de luz.

\*\*\*

Em 1971, eu virei da Universidade de Indiana, onde tenho uma bolsa para estudar optometria, para passar o dia de Ação de Graças em casa. Será a primeira vez em meses que eu não terei nenhum protesto antiguerra para ir, nenhuma participação na conscientização sobre alguma causa nem nenhum encontro para a liberação gay para liderar.

*Alaba'o*, eu quase não te reconheci, dirá minha mãe, puxando as franjas da minha jaqueta de camurça enquanto prometia consertar os buracos na minha calça jeans boca-de-sino. Meu suéter verde estará em algum lugar no armário do meu quarto na casa deles.

Nós saímos de Cuba para você se vestir assim? meu pai perguntará sobre os ombros da minha mãe.

E pela primeira e única vez na minha vida, eu direi, Olha, você não veio por mim, você veio por você mesmo; você veio porque todos seus clientes ricos estavam indo embora e você ia acabar como caixa na loja de materiais de construção do seu pai se não fosse embora, okay?

Meu pai, que trabalha em um banco agora, arfava – *¿Qué, qué? – e dá um passo para trás. E minha mãe dirá, Por favor, não fale com seu pai assim.*

E eu direi, Esse é um país livre, eu posso fazer o que quiser, lembra? Meu Deus, ele só foi embora porque Fidel o derrotou naquela competição estúpida de natação quando eles eram crianças.

E então meu pai, por cima dos ombros magros da minha mãe, me agarra pela minha bandana vermelha em volta do meu pescoço e me joga no chão, me chuta sem parar, até que eu lembre somente da voz da minha mãe implorando, Por favor, pare, por favor, por favor, por favor pare.

\*\*\*

Nós saímos do centro de processamento junto com a moça húngara gorda, que dirige uma grande caminhonete Ford. Meu pai senta na frente com ela, e minha mãe e eu sentamos atrás apesar de ter espaço também para nós duas na frente. A senhora húngara gorda está nos levando para o hotel, onde nosso quarto terá uma pequena cozinha e uma vista para um beco de onde uma travesti negra e alta está em seu turno noturno.

Por fim, sou atraída pelas luzes da cidade, não só pelo neon irradiando pelas janelas dos carros, mas também pelos globos brancos nos postes da rua, e volto rapidamente para o banco de trás, de onde posso ver as luzes sozinha. Eu fecho meus olhos firmemente, depois os abro, amando os traçados de luz e explosão de estrelas na minha tela particular.

Lá na frente, a moça húngara gorda e meu pai estão conversando sobre as várias traições, primeiro a do Leste europeu após a Segunda Guerra Mundial e também a de Cuba, após a invasão da Baía dos Porcos.

Minha mãe, quem eu acho tão bonita quanto quaisquer das palmeiras que tremulam no canteiro central enquanto passamos de carro, recosta sua cabeça na janela do carro, cansada e desolada. Ela se reanimou quando a moça húngara gorda, num acesso de riso sai da estrada e entra no estacionamento de um supermercado tão envolto em luz que tenho certeza que um disco voador pousou aqui em Miami.

Nós fizemos o mesmo quando chegamos nos Estados Unidos, diz a moça húngara gorda, nos guiando em direção ao supermercado. E isso é algo que só pessoas como nós podem apreciar.

Meu pai olha para todos os lados, assim como minha mãe que arrasta seus pés pelo chão e me puxa pela mão.

Entramos pela porta da frente e passamos por uma catraca e, de repente, estamos na terra da abundância – fileiras atrás de fileiras de caixas de cereal, comidas congeladas, enormes gôndolas com abacaxis frescos, caixotes e mais caixotes de laranjas, prateleiras de repelentes de insetos e todos os tipos de vassouras. A seção de laticínios está lotada de queijo e leite achocolatado.

Há um açougue na parte de trás, e meu pai diz, Ai, meu Deus, olha, e aponta para um pedaço sangrento de costela cheio de carne. Meu Deus meu Deus meu Deus, ele diz, como se nunca tivesse visto algo como aquilo, ou como se estivéssemos à beira da desnutrição.

Fique calmo, por favor, minha mãe diz, mas ele não escuta, engolindo o choro e seguindo a senhora húngara gorda, que está agora passando com ele pelas salsichas e cachorros-quentes, embalagens de linguiça bolonhesa e carne bovina fatiada.

Todos a nossa volta nos encaram, mas aí meu pai diz, Nós acabamos de chegar de Cuba e tem tanta coisa aqui!

A senhora húngara gorda dá uns tapinhas no ombro dele e diz para a pequena aglomeração de pessoas, Sim, ele veio num barquinho com toda sua família; olhem para sua linda filha que agora crescerá bem alimentada e livre.

Eu me escondo em minha mãe, que parece tão leve e magra como uma folha de palma na sexta-feira santa. Meu pai sorri pra mim com lágrimas nos olhos. O tempo todo, completos estranhos o congratulam por sua sabedoria e coragem, abraçam-no e lhe dão dinheiro e boas-vindas.

\*\*\*

Existem coisas que não podem ser ditas.

Coisas como quando não conseguíamos encontrar um apartamento e que todo mundo dizia que era porque os proprietários em Miami não alugavam para famílias com crianças, mas todos sempre souberam que era mais do que isso.

Coisas como meu péssimo desempenho num teste de QI, já que eu não falava inglês, o que fez com que me jogassem numa turma de educação especial, da qual só consegui sair no Ensino Médio quando alguém, finalmente, percebeu que eu não deveria estar ali.

Coisas como uma cabeleireira norte-americana falando para minha mãe que não mexia no tipo de cabelo igual ao dela.

E coisas como meu pai, finalmente se dando conta que não voltaria a Cuba, tentando se enforcar com o fio da lâmpada do banheiro enquanto minha mãe limpava os quartos de um hotel de luxo nas redondezas, mas caindo e quebrando seu braço, ao invés de se matar.

Como aceitarmos os cheques de auxílio do governo porque realmente não tinha outra saída.

Como saber que dar dinheiro para grupos de exilados muitas vezes significava ajudar alguém a comprar uma lancha particular para passear nas férias, e não para invadir Cuba, mas sabendo também que a recusa em doar só geraria dúvidas sobre nosso próprio patriotismo.

E sabendo que Nixon, de fato, não era o melhor, não estava fazendo nada e não teria feito nada mesmo se tivesse terminado seu segundo mandato, não importando o quão bom pudesse ter sido o trabalho dos arrombadores cubanos no Hotel Watergate.

\*\*\*

E se tivéssemos ficado? E se nunca tivéssemos ido embora de Cuba? E se estivéssemos lá quando a última contrarrevolução tivesse sido derrotada, ou quando milhares de cubanos saíram da Ilha pelo porto Mariel, ou quando os Jogos Panamericanos chegaram? E se nunca tivéssemos saído?

Por toda a minha vida, meu pai dirá que eu teria sido uma jovem Comunista, presa fácil para a ideologia revolucionária. De acordo com ele, eu teria acreditado que os sorvetes eram enviados por Fidel, que aqueles russos carecas eram nossos amigos, e que meu trabalho como revolucionária seria dedurá-lo por suas atividades contrarrevolucionárias – das quais, ele jurará, nunca teria desistido se tivéssemos ficado em Cuba.

Minha mãe fará um movimento com a cabeça, mas nunca irá contradizê-lo. Ela dirá que a revolução usa as pessoas e que eu, também, provavelmente teria sido usada, depois traída e que, nunca saberemos, mas que talvez eu fosse acabar na cadeia, acreditando ou não na revolução, porque eu teria falado com a pessoa errada, eu e minha boca grande.

Gostaria de saber então, se tivéssemos ficado, quem, se é que teria alguém – além de Martha e do garoto da escola militar – teriam sido meus amantes loiros, ou amantes de qualquer tipo.

\*\*\*

E se tivéssemos ficado e não tivesse tido a revolução?

Meus pais nunca dirão, como se de alguma forma eles soubessem que eles existem para serem somente oposição.

Eu tento imaginar quem eu teria sido se Fidel nunca tivesse chegado a Havana sentado triunfante em cima daquele tanque, mas não consigo. Só consigo pensar em variações do que eu sou não em quem eu poderia ter sido.

Um dia, na faculdade, direi à minha mãe, pelo telefone, que quero voltar a Cuba para ver, para considerar todas essas questões, e ela ficará em silêncio por um tempo e dirá, Para quê? Não há nada para você lá, nós diremos tudo que você precisa saber, não confia na gente?

Sobre o meu cadáver, meu pai dirá, escutando pela extensão.

Anos mais tarde, quando viajo a Washington D.C. e pego um táxi direto para o Setor de Interesses Cubanos para requerer um visto, um homem de pele dourada com o olhar indiferente de um burocrata me dirá que, por ter vindo para os Estados Unidos numa idade em que não tinha como decidir por minha conta se queria ou não sair de Cuba – meus pais que decidiram por mim – o governo cubano não reconhece a minha cidadania norte-americana.

Você tem que renovar seu passaporte cubano, ele dirá. Talvez seus pais o tenham, ou uma cópia da sua certidão de nascimento, ou talvez você tenha um parente ou amigo que possa ir atrás desses registros em Cuba para você.

Eu lembrarei do meu passaporte no meio dos importantíssimos documentos de minha mãe, preenchido à mão em tinta azul, mesmo as partes oficiais. Mas quando pergunto aos meus pais por ele, minha mãe ficará em silêncio e meu pai dirá, Não está mais aqui, está no cofre do banco, onde você nunca o verá. Você acha que eu deixaria que nos traia dessa forma?

\*\*\*

O garoto da academia militar vai falar *oh baby baby* enquanto força seu quadril em mim. E Martha e todas as garotas antes e depois dela, aqui nos Estados Unidos dirão *ooooohhhh* *ooooooooohhhhhhhh* enquanto meus dedos as exploram por dentro.

Mas na primeira vez em que faço amor com uma cubana, uma escritora exilada politicamente controversa de alguma reputação, ela dirá, *Aaaaaayyyyyyaaaaayyyyyaaaaay* e vai me puxar do meio de suas pernas pelos cabelos, e a saliva, como espuma do mar, entre a minha boca e seus cachos brilhosos. Depois ela me beijará com força e nossas línguas vão se tocar como astutos golfinhos.

Em uma troca de movimento, ela me virará de costas, travesseiros por todos os lados da cama e beijará todo o meu corpo, entre meus seios, debaixo dos meus braços, e ela vai chupar a ponta dos meus dedos e a parte de dentro dos meus cotovelos. E quando ela descansa sua cabeça na minha barriga, seu ouvido escutando não meus batimentos, mas o barulho das palmeiras, ela se sentará, colocará uma das mãos no meu pescoço, a outra no meu sexo, me beijará ali embaixo do meu tronco, em torno do meu umbigo, onde sou mais macia e clarinha.

No dia seguinte, ouvindo sua respiração em meus braços, vou me perguntar se isso teria acontecido de fato se tivéssemos ficado em Cuba. E se tivesse acontecido, teria sido furtivo ou livre, com ou sem revolução. E como – sabendo agora como a vida é uma caixinha de surpresas - eu poderia me agarrar a ela por mais um tempo.

\*\*\*

Quando meu pai morre de ataque cardíaco em 1990 (vai acontecer enquanto ele dirige, enquanto grita com alguém, e o carro atravessa até a calçada e morre no meio-fio, onde ele irá cair no banco e seus braços, de alguma forma, estarão dobrados em seu peito e suas mãos em posição de oração), eu virei de Chicago, onde estarei trabalhando como fotógrafa para o *Tribune*, para Flórida. Não estarei fotografando cenas de crimes nem políticos, mas sim de estrelas do rock e artistas locais.

Estarei morando em *Uptown*, numa casa enorme com uma sala escura em um dos quartos agora convertido e lacrado, onde eu corto os negativos em pedaços e faço montagens de fotografias, que são exibidas na *Whitney Biennial*, e que os críticos consideram como repletas de desejo e esperança.

Quando meu pai morre, ficarei triste e desejarei ter dito certas coisas, mas não vou querer mais tempo com ele. Vou me preocupar com minha mãe, assim como todos os parentes que preveem que ela morrerá desgostosa em meses (ela tem diabetes e sua visão está falhando). Mas, ao contrário, ela viverá mais que ele e mais que eu.

Irei a Miami Beach, onde eles moraram em uma cocheira na *Collins Avenue*, desde que se aposentaram e encontro primas e tias ajudando minha mãe a se virar com a papelada do seguro e documentos do banco, com o testamento dele, suas fotografias e lembranças: o diploma universitário de meu pai, uma lista desbotada de coisas para levar de volta a Cuba (incluindo luzes de natal), um recorte distorcido do *Diario de las Américas* sobre a nossa chegada, que cita meu pai como tendo dito que o porto de Havana é um campo-minado, e uma foto da minha mãe e eu, ela com olhos arregalados e magra, sentada no sofá do centro de processamento.

O funeral de meu pai será simples, porém com muita gente presente, caixão fechado a meu pedido, mas com um momento reservado àqueles que quiserem dar uma última olhada. Minha mãe ficará na sala enquanto o caixão está aberto (eu estarei na portaria fumando um cigarro, um hábito que eu desprezava em meu pai, mas que eu adotei em seu funeral) e me dirá mais tarde que ela ficou olhando fixamente para o crucifixo em cima do caixão, sem prestar atenção ao corpo do meu pai, cheiroso e cheio de talco, sob o crucifixo.

Eu não podia ir embora, não seria de bom-tom, ela dirá. Mas graças a Deus estou ficando cega.

Depois um pastor, que não conhecíamos virá, lerá a bíblia e minha mãe me abraçará pela cintura e vai se segurar em mim como se ouvíssemos o que ele fala, Quando todas as coisas vierem até você, a benção e a maldição... e você as chamar entre todas nações para onde o senhor deus mandar e retornar para o Senhor Deus, você e seus filhos e obedecerem a sua a voz com todo o seu coração e com toda sua alma; e então o Senhor Deus retornará a sua sorte e terá piedade de vocês e e ele o reconhecerá novamente de todos os povos onde o senhor deus o enviou.

\*\*\*

Cairá uma tempestade durante o enterro de meu pai, o que significa que terminará rápido. Minha mãe e vários parentes voltarão para a casa dela, onde uma TV estará retumbando lá do quarto repleto de adolescentes entediados. As mulheres ensinarão a fazer *picadillo* com carne de peru moída de baixa caloria ao invés de carne com presunto da receita tradicional, e os homens sentarão do lado de fora, no jardim, bebendo cerveja ou pequenas xícaras de café cubano, e falarão sobre o amor de meu pai por Cuba e que tamanha a falta de sorte a dele ter morrido logo agora que a Europa Oriental está se libertando e que Fidel está prestes a cair.

Três dias depois, após levar minha mãe ao cinema e ao shopping, à Igreja e ao escritório da seguridade social, ficarei em pé no portão principal com minhas malas, gritando para o motorista do taxi que já estou indo, quando minha mãe vai me pedir pra esperar um minuto enquanto ela volta pra dentro da casa, reaparecendo um tempo depois com uma caixa pra mim, que não cabe em nenhuma das minhas malas.

Poucas coisas, ela dirá, algumas coisas que te pertencem e que eu pensava em te dar há anos e agora, bem, agora elas são suas.

Sacudirei a caixa e ouvirei um som abafado e agradeço a ela por seja lá o que for, lhe dou um abraço e um beijo e digo que ligo assim que chegar em casa. Ela colocará seus braços magrelos em torno no meu pescoço, beijará meus ombros e e ficará comovida, o que partirá meu coração.

Cansada e com sono no taxi até o aeroporto, encosto minha cabeça sobre a janela e fico observando as palmeiras magrelas, suas folhas marrons e verdes dando tchau pra mim em meio a garoa ainda por vir. Tudo está úmido, estou com calor e me sinto sufocada enquanto escuto a buzina dos carros por todos os lados. Fecharei meus olhos, olharei a escuridão e tentarei imaginar algo que me traga anseio e esperança, mas ao invés disso, caio no sono, acordando somente quando o motorista me avisa que chegamos e que ele pegará minha bagagem no porta-malas do carro, suas mãos estendidas como se receber sua gorjeta fosse uma condição para a devolução das minhas coisas.

Quando chego em casa em Uptown, não lembrarei da caixa que minha mãe me deu até que um dia, muitos meses depois, quando minha cabeça está confusa o suficiente para me deixar curiosa. Abrirei a caixa e encontro boletins de notas da escola, fotos de família de nós três em Cuba, uma carta de amor de meu pai para minha mãe (na qual ele fala que quer beijar a pinta que ela tem perto da boca), cópias da minha certidão de nascimento, cópias dos nossos requerimentos de asilo político e meu passaporte cubano preenchido à tinta azul já desbotada (data de vencimento: Junho de 1965), tudo embrulhado no meu velho suéter verde.

Quando ligo para minha mãe – envergonhada por levar tanto tempo para abrir a caixa e empolgada com seus tesouros – quem atende é sua secretária eletrônica e, numa mensagem bilíngue, ela deixa o número de emergência do seu *beeper*.

Uma semana depois da morte de meu pai, minha mãe comprará um computador com um teclado em Braile e uma caixa de som, começará a aprender como usá-lo no centro comunitário no fim do quarteirão e se ocupará investindo em fundo de investimento com previsão de lucro em seis meses.

\*\*\*

Mas isso é daqui a muito tempo, é claro. Neste momento, estamos num quartinho de hotel com uma cozinha pequeninha que os contribuintes dos Estados Unidos nos providenciaram.

Minha mãe, cujos olhos estão escuros e fundos, senta à mesa comendo um dos hamburques *Royal Castle* que a moça húngara gorda comprou pra gente. Meu pai devora o outro hamburque com os guardanapos esticados embaixo de suas mãos. Suas cabeças estão inclinadas em direção à janela que dá pro beco. Na direção sul, a vista é do Biscayne Boulevard e sua mágica e colorida sucessão de luzes dos carros. O ar é salgado e familiar e a lua, brilhante, pendurada no céu.

Estou na cama, sob os lençóis que parecem pesados por causa da umidade e do cheiro de produtos de limpeza. A boneca de plástico que a voluntária católica me deu está sentada sobre meu travesseiro.

Então meu pai vai até minha mãe do outro lado da mesa e diz, Nós conseguimos, nós realmente conseguimos.

Minha mãe passa os dedos pelo cabelo dele, assente com a cabeça e os dois começam a chorar baixinho, mas muito sentidos, segurando-se um ao outro entre afagos, como se só tivessem uma ao outro.

E então um barulho – um berro no beco, seguido por um barulho que mais parecia uma hiena rindo – e meu pai pula e olha pela janela e então começa a rir também.



Ai, meu Deus, vem aqui, olha isso, ele chama minha mãe, que pula até ele, posicionando-se embaixo da dobra de seu braço. Acredita nisso, ele diz.

Só na América, responde ela.

E enquanto eu fico deitada aqui imaginando o espetáculo do lado de fora da janela e o novo mundo nos espera nesta noite e em todas as noites do resto de nossas vidas, até eu sei que já percorremos um longo caminho. O que nenhum de nós pode mensurar ainda é quanto da jornada já ficou para trás.